

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

DEIVIANE APARECIDA DE SOUZA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE JOAQUIM BARBOSA PELO JORNAL
NACIONAL NA COBERTURA DO MENSALÃO**

CONSELHEIRO LAFAIETE
2021

DEIVIANE APARECIDA DE SOUZA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE JOAQUIM BARBOSA PELO JORNAL
NACIONAL NA COBERTURA DO MENSALÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
parcial para obtenção do grau de
bacharel em Jornalismo ao
Centro Universitário Internacional
UNINTER.

Orientador: Prof. Karine Moura
Vieira

CONSELHEIRO LAFAIETE

2021



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos sete dias do mês de outubro de 2021 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Deiviane Aparecida de Souza Costa, portador do Registro Uninter 2008648 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título A construção da imagem de Joaquim Barbosa pelo Jornal Nacional na cobertura do Mensalão e orientação do/a professor/a Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Me. Alexsandro Ribeiro

Examinador/a 2: Dr. Clóvis César Pedrini Jr.

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: *Karine Moura Vieira*

Examinador/a 1: *4*

Examinador/a 2: *Dr. Clóvis César Pedrini Jr.*

Estudante: *Deiviane A Souza Costa*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pelo dom sagrado da vida e por ter me dado forças em continuar trilhando meu caminho, com respeito e sabedoria, diante de tudo e todos.

A minha querida mãe Aparecida, cujo empenho em me educar veio sempre em primeiro lugar.

Agradeço ao meu marido Alexandre, pelo amor, apoio, cuidado, incentivo e carinho. Sem ele por perto, os resultados não teriam sido os mesmos.

Agradeço aos meus amigos que estiveram presentes na minha vida, compartilhando bons e maus momentos.

A todos os professores da Uninter pelos ensinamentos ao longo do percurso. Em especial à orientadora Karine Moura Vieira pela orientação, dedicação e incentivo.

A todos os professores responsáveis pela tutoria, que sempre estão dispostos a nos ajudar, dedicando-nos o máximo de atenção e respeito.

A “Tia Gina” que nunca se negou a compartilhar o seu imenso conhecimento comigo, sempre acreditando no meu potencial. Isso fez toda diferença.

RESUMO

O esquema do “mensalão” foi denunciado em 2005 pelo então deputado federal Roberto Jefferson, que delatou em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo o pagamento de propina a parlamentares aliados no primeiro de governo do ex-presidente Lula em troca de votos favoráveis. A partir da denúncia, a mídia se concentrou em transmitir uma cobertura intensiva do julgamento que ocorreria em 2012. O estudo propõe uma análise da construção do relato noticioso na cobertura do escândalo político denominado Mensalão pelo Jornal Nacional, observando as reportagens sobre o então ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa. A pesquisa será realizada a partir da análise de nove reportagens sob a ótica dos operadores de análise dos modos de endereçamento no telejornalismo, metodologia proposta por Gomes(2007). O intuito principal é refletir sobre os seus desdobramentos e as escolhas narrativas do telejornal, buscando promover uma discussão acerca do conflito em que se desenvolveu as reportagens e a performance jornalística do telejornal ao transferir os acontecimentos da arena jurídica para o campo do jornalismo. Para tanto utiliza-se como conceito metodológico para análise, os modos de endereçamento (GOMES, 2007) que contribuirá para compreensão da relevância das narrativas jornalísticas na sociedade e posteriormente o papel desempenhado pelo Jornal Nacional no contexto televisivo brasileiro, ao realizar a cobertura de um dos julgamentos mais complexos já realizados pelo Supremo Tribunal Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Julgamento do Mensalão; Jornal Nacional; Joaquim Barbosa; Televisão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 MÍDIA E A COBERTURA DE ESCANDALOS POLÍTICOS	12
3 TELEJORNALISMO E A HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL	15
3.1 REDE GLOBO – 56 ANOS.....	18
4 O JULGAMENTO E A COBERTURA DO JULGAMENTO PELO JORNAL NACIONAL	20
5 METODOLOGIA	24
5.1 OS CONCEITOS DA METODOLOGIA: GÊNEROS TELEVISIVOS E MODOS DE ENDEREÇAMENTO.....	26
6 O PROCESSO DE ANÁLISE	32
6.1 MEDIADORES.....	41
6.2 TEMÁTICA, ORGANIZAÇÃO DAS EDITORIAS E PROXIMIDADE COM A AUDIÊNCIA	42
6.3 O PACTO SOBRE O PAPEL DO JORNALISMO	45
6.4 OS RECURSOS TÉCNICOS A SERVIÇO DO JORNALISMO	47
6.5 RECURSOS DA LINGUAGEM TELEVISIVA	49
6.6 FORMATOS DE APRESENTAÇÃO DA NOTÍCIA	51
6.7 RELAÇÃO COM AS FONTES DE INFORMAÇÃO	52
6.8 O TEXTO VERBAL	53
6.9 SÍNTESE DA ANÁLISE	56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2005 ocorreu no cenário político do Brasil o que foi considerado, na época, o “maior escândalo de corrupção do Brasil”, chamado de “mensalão”.¹

Segundo Nunomura (2012), no início do primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2002, ele não tinha apoio suficiente no Congresso Nacional para aprovar seus projetos, isso poderia ocasionar inúmeros infortúnios para o governo pois, comprometeria sua agenda de votações. Não obstante, o ex-presidente conseguiu apoio de forma que assegurou a aprovação de muitos dos seus projetos. Em 06 de junho do mesmo ano, o então deputado federal Roberto Jefferson que era aliado do governo, procurou o jornal Folha de São Paulo² e denunciou um esquema de corrupção envolvendo compra de votos de congressistas no Planalto. Em sua delação, ele afirmou existir um esquema de “mesada” aos parlamentares da base aliada do governo em troca de apoio político.

Após declarações de Roberto Jefferson, foram instaladas as CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito) para apuração das denúncias, e, a partir daí a mídia começou a noticiar massivamente todas os desdobramentos do caso. As características do julgamento, denominado Ação Penal 470 “contribuíram para que este fosse o evento judicial mais mediatizado da história brasileira até aquele momento.” (ARAÚJO, 2013, p. 31). Os grandes veículos de mídia do país fizeram ampla cobertura do caso que se tornou agenda frequente dos meios de comunicação de massa ganhando todos os holofotes da mídia brasileira.

O problema de pesquisa se insere no contexto da sociedade contemporânea, que é complexa do ponto de vista comunicativo. As mídias são utilizadas de forma cada vez mais intensa e a utilização da televisão como palco de transmissão de um escândalo político pode ser objeto de estudo de inúmeras

1 De acordo com o portal G1: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/07/relembre-o-surgimento-e-evolucao-do-mensalao.html>. Acesso em: 14 abr 2021.

² Entrevista de Roberto Jefferson a Folha de São Paulo: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u69403.shtml>
Acesso em 26/07/2021

áreas do saber: Comunicação (como é o caso do presente trabalho), Sociologia, Antropologia, essencialmente por sua inegável inter-relação na vida social dos expectadores que consomem o conteúdo televisivo nestes casos, com o intuito de acompanhar uma possível justiça.

De acordo com Leite (2013, p.9), o julgamento da Ação Penal 470 ou, “julgamento do mensalão”, foi o evento judicial mais midiaticizado da história da TV brasileira e até do mundo.

Com 53 sessões e quatro meses de duração, a Ação Penal 470 levou a um dos julgamentos mais longos da história do Supremo Tribunal Federal. Foi o mais midiático desde a invenção da TV — no Brasil, e possivelmente no mundo, superando mesmo o caso de O. J. Simpson, celebridade da TV americana acusada de assassinar a própria mulher. Três vezes por semana, sempre a partir das duas da tarde, suas sessões eram transmitidas, ao vivo e na íntegra, pela TV Justiça, do Poder Judiciário, e pela Globo News.

Durante os quatro meses e meio, as sessões foram transmitidas pela televisão e os principais meios de comunicação o denominavam “julgamento do século”. Defende-se que este escândalo político foi construído em parte, pela mídia, que realizou a cobertura do julgamento de forma massiva, cada veículo de comunicação usufruindo ao máximo dos recursos que lhes eram possíveis. Conforme Mendonça e Barroso elucidam, “uma cobertura implacável da imprensa e um inusitado clamor público, como nunca havia acontecido”. (MENDONÇA; BARROSO, 2013, p.5).

Foi algo incomum. Eu honestamente, em 45 anos de atuação jurídica, como membro do Ministério Público e juiz do STF, nunca presenciei um comportamento tão ostensivo dos meios de comunicação sociais buscando, na verdade, pressionar e virtualmente subjugar a consciência de um juiz. (MELLO, 2013)

De acordo com os dados do Ibope, ³ 93% dos lares brasileiros tem um aparelho de TV em casa. E, atualmente, entre as 20h15 e 21h00, cerca de metade deles está sintonizada no JN, principal programa jornalístico da Rede Globo de Televisão. “Quase 40 anos depois de sua criação, o primeiro telejornal

³ Audiência Jornal Nacioal atualmente: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-27-09-a-03-10-2021/>

em rede do país, líder de audiência desde então, segue sendo referência como fonte de informação no Brasil.” (BATISTA, 2009, p. 6).

A partir dos dados mencionados, e reconhecendo o grande poder informativo do JN, propõe-se compreender as escolhas narrativas na construção da imagem do relator Joaquim Barbosa durante a cobertura do escândalo, buscando compreender melhor a constituição da figura do ministro, a partir do levantamento dos enfoques dados ao seu posicionamento e atuação dentro do período, de forma que fique evidenciado o percurso que o relato noticioso foi tomando ao longo da cobertura.

Dessa forma, o trabalho busca responder: levando em consideração o potencial simbólico subjacente nas falas dos apresentadores, além dos enquadramentos escolhidos pelo telejornal, e a relevância que o escândalo teve nas edições do JN, como se deu a construção da imagem de Joaquim Barbosa durante a cobertura do julgamento do Mensalão pelo telejornal? Busca-se ainda, analisar a perspectiva desses enquadramentos no que se refere a responsabilização dos envolvidos, destaque dado aos ministros, papel do STF e atuação do Ministro Joaquim Barbosa a partir dos operadores de análise.

O presente trabalho monográfico tem como objetivo geral analisar a construção da imagem de Joaquim Barbosa durante a cobertura do julgamento sobre o escândalo político denominado “mensalão” pelo Jornal Nacional, telejornal da Rede Globo. Para tanto o trabalho apresenta três objetivos específicos: 1) identificar as reportagens do JN que trazem o ministro Joaquim Barbosa como protagonista; 2) identificar os modos de endereçamento (GOMES, 2007) da cobertura jornalística sobre Joaquim Barbosa; 3) compreender a construção narrativa do telejornal sobre a figura do ministro.

Como citado acima, com o intuito de encontrar possíveis respostas para essa questão, apresenta-se uma reflexão teórico-metodológica sustentada pela metodologia desenvolvida por Gomes (2007), que propõe uma análise dos modos de endereçamento no telejornalismo. A autora desenvolveu então, os chamados “operadores de análise” divididos em nove categorias, a saber: o mediador; temática, organização das editorias e proximidade com a audiência; o pacto sobre o papel do jornalismo; o contexto comunicativo; os recursos técnicos a serviço do jornalismo; recursos da linguagem televisiva; formatos de

apresentação da notícia; relação com as fontes de informação e o texto verbal. Segundo GOMES (2007, p.3)

O conceito de modo de endereçamento, quando aplicado aos estudos de jornalismo, nos leva a tomar como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor. Esta “orientação para o receptor” é o modo de endereçamento e é ele, em boa medida, que provê grande parte do *apelo* de um programa para os telespectadores.

Para finalidade específica da análise, o estudo propõe refletir acerca das categorias propostas pela autora, dessa forma, por meio de uma apreciação das edições do JN em que o ministro Joaquim Barbosa recebeu destaque, a partir do recorte das nove edições. Sendo esta análise realizada através da operacionalização dos modos de endereçamento definidos pela pesquisadora, a proposta é refletir sobre quais deles foram empregados pelo JN ao tecer o relato noticioso no que concerne a imagem de Joaquim Barbosa.

O trabalho será dividido em seis capítulos. Após a introdução, será apresentado a pesquisa teórica. A escolha de manter a metodologia após a pesquisa teórica será em virtude de proporcionar uma melhor compreensão do estudo realizado. Veremos em um primeiro capítulo teórico a relação entre mídia e escândalos políticos por meio de discussões sobre o papel da imprensa ao noticiar os escândalos de corrupção uma vez que estes podem ser percebidos como fenômenos midiáticos, explorando os discursos utilizados para veicular tais notícias bem como a percepção dos cidadãos sob a ótica da imprensa.

No terceiro capítulo, iremos refletir acerca do telejornalismo e a história do Jornal Nacional, para que possamos compreender este telejornal como produto de um gênero específico e conseguirmos identificar posteriormente, como se dá a sua relação com a audiência. Será feita uma explanação sobre a história do JN e como o telejornal se consolidou como relevante veículo de comunicação nacional, além de analisarmos de maneira mais detalhada a construção do relato jornalístico na cobertura do mensalão.

O julgamento e a cobertura do julgamento pelo JN serão o foco do capítulo quatro, que irá abordar de maneira mais detalhada as características do processo e contextualizar a trajetória da cobertura realizada pelo telejornal.

O capítulo cinco apresenta a metodologia dos modos de endereçamento (GOMES, 2007) que trabalha a análise do telejornalismo a partir de operadores para compreender como o processo de construção da produção telejornalística de notícias. O capítulo seis apresenta a análise do corpus selecionado. Na sequência são desenvolvidas as considerações finais.

2 MÍDIA E A COBERTURA DE ESCÂNDALOS POLÍTICOS

Refletir sobre escândalos midiáticos, mais especificamente, os escândalos políticos, requer atenção em dois pontos: sua origem e seus efeitos (SENNE, 2009). Todavia, além dessas duas preocupações, o presente estudo visa compreender a lógica dos escândalos políticos midiáticos sob outro viés: a atuação da mídia, de forma especial, como o telejornalismo se comporta ao realizar a cobertura de tais eventos, tomando como recorte o Jornal Nacional.

Para tanto, é preciso compreender a definição do termo, que segundo o conceito de Thompson, baseia-se em “um evento que implica a revelação através da mídia de atividades previamente ocultadas e moralmente desonrosas, cuja revelação desencadeia uma sequência de ocorrências posteriores” (THOMPSON, 2002, p. 82).

A partir desse panorama, pode-se afirmar que a televisão é um importante veículo de formação da opinião pública e sua agenda se baseia em transmitir temas de interesse dos telespectadores. Assim como a televisão, o rádio, a internet e os meios impressos se inserem dentro do cenário que a narrativa acontece.

Motta (2002) explica que as sociedades passaram a ser impulsionadas por uma lógica midiática. De acordo com o autor, a mídia passou a ser vista como a instituição política mais notável da sociedade do ponto de vista ideológico.

O processo político ficou inexoravelmente dependente e condicionado e passou a ser um prolongamento da mídia em geral e da imprensa em particular. Há muito a imprensa (e o resto da mídia) deixou de apenas intermediar o real e o simbólico para estruturar e constituir o real. É a imprensa que seleciona, tipifica, descontextualiza e recontextualiza, estrutura e referência o real. Nesse contexto, a política mistura-se com a *performance*, as eleições são disputas de *marketing*, políticos são mais atores que ideólogos, todos desempenhando papéis cujo fim é o espetáculo em si. A ação política é valorizada não pelo conteúdo das discussões, mas pelas habilidades teatrais e comunicativas dos atores, ou melhor, dos marqueteiros que “interpretam” a política. Nessa atmosfera mercadológica, a notícia é curta, rápida, fragmentada; tende ao entretenimento, esvaziada que é no seu conteúdo político. (MOTTA, 2002, p. 17)

Ainda de acordo com Thompson:

O surgimento da imprensa de circulação de massa nos séculos XIX e XX colocou prioridade maior na necessidade de atrair um sempre maior número de leitores, criando assim um contexto em que a procura por notícias chamativas, entretenedoras, se tornou uma característica rotineira da produção jornalística. (THOMPSON, 2002, p.109)

Nesse sentido, Thompson (2002) afirma que a publicação de notícias escandalosas, gera interesse econômico por chamar a atenção dos espectadores. Os meios de comunicação usufruem das histórias provocativas e cheias de desdobramentos para manter a audiência ativa, consumindo o conteúdo enquanto o enredo se desenvolve.

Segundo o conceito de Thompson (2002), os escândalos midiáticos se referem a ações que envolvem, principalmente, a transgressão de valores, normas ou códigos morais e se desenrolam através da mídia. Mas só se caracterizam como políticos quando exercem impacto dentro desse campo. No caso do Mensalão, o campo jurídico também foi acionado.

Apesar de a relação entre política e jornalismo, corrupção e mídia não ser nova, segundo Bruno Araújo (2013), foi no julgamento do mensalão que os veículos de comunicação se dispenderam sem precedentes para realização de uma cobertura abrangente e intensa com características não empregadas anteriormente.

Esse foi um dos maiores desafios para o jornalismo brasileiro que teria que interpretar e relatar aos telespectadores os desdobramentos da ação e os significados de um volume incalculável de documentos, argumentos, fontes, provas, contra-argumentos, depoimentos, procedimentos, leis, regras, teorias e artifícios intrínsecos do campo da justiça criminal. Ademais, vale ressaltar que a maneira como a justiça e a mídia estruturam seus discursos, são extremamente distintas.

Sobre este ponto, Oliveira (1999, p. 26) elucida:

Os *media* cultivam cada vez mais um discurso direto, simplista, o mais universalizante na busca da maior audiência possível, com uma retórica que privilegia, sobretudo, a dramatização, a espetacularização, o entretenimento. O discurso das instâncias administrantes da justiça é um discurso altamente formal, codificado e fechado, muito técnico, de difícil soletração para quem não possua um (re) conhecimento adequado da teoria e linguagem jurídicas.

Vale ressaltar, ainda, as diferenças da linguagem utilizada pela mídia e pela justiça. É notável que a justiça possui um elevado nível discursivo que impossibilita a compreensão por parte daqueles que não são familiarizados com a gramática e os códigos judiciais. A mídia, por sua vez, tenta se aproximar do público ao priorizar um discurso claro e básico que ressoe com sua audiência.

Nesse sentido, analisar a construção de uma narrativa em torno de um dos maiores escândalos políticos do país, permitirá uma reflexão sobre o enquadramento da mídia dentro desse cenário e sua performance ao noticiar o escândalo.

Outro fato que precisamos nos atentar é que a cobertura de escândalos políticos é muito complexa, porque além de serem eventos narrativos que se prolongam por meses, como nos diz Thompson (2002, p. 102), “eles mostram também certa estrutura sequencial, no sentido de que uma fase no desenrolar dos escândalos midiáticos é previsivelmente seguida por outra. E o desdobramento dos escândalos midiáticos é entrelaçado por um constante contar e recontar histórias.”

3 TELEJORNALISMO E A HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL

“No ar, Jornal Nacional: a notícia unindo 70 milhões de brasileiros”. (MOREIRA, 2010, p.229). Foi dessa forma que o apresentador Cid Moreira⁴ iniciou a primeira edição JN em 1969. Na época era um telejornal ao vivo para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. O intuito real do projeto tinha cunho político e mercadológico.

De sua estreia até os dias de hoje, o telejornal passou por incontáveis mudanças, desde seus âncoras até atualizações variadas em seu formato e tecnologias empregadas para a produção. Todavia, a missão do telejornal é clara e continua sendo a mesma: “mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia com isenção, pluralidade, clareza e correção” (BONNER, 2009, p.17). O próprio apresentador, que também é editor do JN, menciona que a missão é de “uma ambição gigantesca e de uma complexidade extrema num programa de televisão”.

O JN foi o primeiro telejornal transmitido para todo país, a partir de 1 de setembro de 1969. Segundo o Memória Globo⁵, apesar de existirem outros telejornais como o Teleglobo (1965), o Ultranotícias (1966) e o Jornal da Globo (1967), foi o JN que inaugurou o sistema de transmissão em rede, que em um primeiro momento englobava os estados anteriormente citados, e posteriormente, estendeu-se para os demais estados, de forma que em poucos anos, já era transmitido para todo território nacional, por meio de 121 canais de TV, contando com as emissoras filiadas da Rede Globo.

Além disso, de acordo com Souza (2010), o JN conta com equipes para produção das notícias internacionais, possuindo dez bases da emissora: duas nos Estados Unidos, sendo Nova York e Washington, quatro na Europa – Londres, França, Portugal, Itália, uma na África do Sul (quando houve a Copa do Mundo neste país), uma em Israel que faz a cobertura dos conflitos do Oriente Médio, uma na Argentina, que é responsável pela cobertura da América do Sul, e uma no Japão, que faz a cobertura do que ocorre em todo continente asiático.

⁴ Quem foi Cid Moreira: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/cid-moreira/perfil-completo/>
Acesso em: 10 mai 2021.

⁵ Memória Globo: <http://memoriaglobo.globo.com/> Acesso em: 24 abr 2021.

As bases são encarregadas de enviar materiais para os telejornais da Globo em especial para o JN. Essa capacidade de estar no local onde a notícia acontece, é um dos diferenciais do telejornal comparado aos outros de emissoras concorrentes.

A transmissão muitas vezes em tempo real dos acontecimentos remete à capacidade tecnológica do programa e reforça o pacto de atualidade estabelecido com sua audiência, que é o de recortar os fatos mais importantes do país, valorizando as notícias de maior repercussão na vida do telespectador brasileiro, tragédias e denúncias, conforme Bonner diz (2009). Nesse sentido, pode-se visualizar a forma como o JN constrói seu pacto com o jornalismo e também a sua noção de credibilidade, segundo Gomes (2007).

As mudanças que ocorrem ao longo dos anos, e o tipo de audiência que o telejornal pretendia atingir, “a de um chefe de família, trabalhador, protetor, classe média, nível intermediário de instrução, cansado, ao fim do dia” (BONNER, 2009, p.223), permitiriam ao Jornal Nacional elaborar uma linguagem própria.

Algumas inovações no Brasil tiveram início no JN e, posteriormente, foram adotadas por outros telejornais da Globo e de outras emissoras, como por exemplo, a forma de apresentação: de acordo com Klockner (2008), no Repórter Esso, o apresentador lia as matérias. No JN, por sua vez, as notícias eram apresentadas com a ajuda de um teleprompter, equipamento que permitia contato visual direto com a câmera como se o apresentador olhasse para o telespectador. Sobre essas mudanças, Bonner (2009, p. 99) afirma:

Nos estúdios, o teleprompter foi uma revolução. Permitiu que os apresentadores passassem a ler seus textos sem baixar os olhos para acompanhar o que estava escrito no papel. A iluminação fria ajudou os locutores a pararem de suar durante as gravações, tapadeiras (o fundo do cenário) improvisadas cederam lugar aos estúdios feitos com materiais sofisticados, como aço e vidro, *chroma-key* ou mesmo cenários virtuais.

Conforme mostram estudos, a televisão tem sofrido uma queda sistemática na audiência para novas mídias.

A maior emissora do país, a TV Globo, obteve um crescimento na audiência entre os anos 2000 e 2006, quando começou uma queda acentuada. No primeiro ano de análise, a emissora tinha 19,95% da

audiência, índice que aumentou para 21,41% em 2006. No entanto, a partir desse ano, a emissora obteve constantes diminuições na sua audiência e perdeu em média 0,8 pontos percentuais por ano. Em 2013, atingiu o menor índice histórico, de 13,60 pontos. Ou seja, em sete anos a TV Globo perdeu 7,81 pontos percentuais, o que corresponde a mais de um terço da audiência (36,5%). (BECHKER; GAMBARO; BARROS FILHO, 2015, p.352).

Todavia, é inegável o imenso poder simbólico do JN no telejornalismo brasileiro e sobretudo, nas residências brasileiras e a relevância da televisão, visto que historicamente a população brasileira se informa pela televisão (HONEIFF, 1996), resultado de um processo de consolidação do meio, que foi impulsionado por uma combinação de fatores políticos e econômicos. A televisão ainda é usada tanto para entretenimento como canal de informação, sendo um veículo de audiência inalcançável para qualquer outra mídia (BUCCI, 1997; MACHADO 1996; HOINEFF, 1996) ainda que o crescimento das plataformas digitais seja eminente. Dentro desse contexto, o Jornal Nacional tem seu espaço na hora de informar muitas famílias.

Entre os programas de maior audiência da televisão brasileira, se enquadram os telejornais. Esse panorama se dá tanto em termos comerciais, como em termos de impacto e credibilidade, de forma que os telejornais são os programas campeões de audiência dos canais (BECKER; ALVES, 2015). No caso da Rede Globo, o JN é definido pela emissora como seu principal programa (MEMÓRIA GLOBO, 2004; BIAL 2004; BARBOSA; RIBEIRO, 2005).

O JN é o telejornal mais assistido da TV Globo, que possui a maior audiência do país, desde 1970, mantendo desde então sua liderança isolada no segmento de TV aberta no Brasil, vale salientar, inclusive, que existem lugares no país, em que o único meio de informação é o Jornal Nacional (CUNHA, 2017). Conforme nos mostra dados do Kantar Ibope, a Rede Globo permanece sendo líder de audiência no horário nobre até os dias de hoje.⁶

O JN apresenta diariamente entre 20h30 h e 21h40 um grande resumo dos acontecimentos do dia. Abordando temas variados: um pouco de política, economia, esportes, notícias internacionais, e selecionando o essencial de cada uma dessas editorias. Segundo GOMES (2011), isso coloca o telejornal como uma espécie de “jornalismo como organizador do mundo”. A partir dessa

⁶ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-09-08-a-15-08-2021/> Acesso em 23/08/2021

afirmação, podemos entender que uma das funções que o JN assume é a de organizar o fluxo intenso de informações a que os telespectadores estão sujeitos durante todo o dia, principalmente em tempos de redes sociais, de modo a apresentar durante sua edição aquilo de mais importante que aconteceu e deve ser de conhecimento de todos.

3.1 REDE GLOBO – 56 ANOS

Propriedade de Roberto Marinho, a TV Globo foi inaugurada em 26 de abril de 1965 (NASCIMENTO, 2018). Criada durante a ditadura militar no Brasil, segundo Arbex (2013) e Carvalho (2014), ela ocupa o lugar de principal emissora nacional, e é um veículo que, historicamente, construiu sua trajetória baseada em interesses econômicos e políticos.

De acordo com Oliveira (2018), a Rede Globo constituiu-se como uma força política, cultural e ideológica em permanente influência junto à população. Ao observar as famílias brasileiras, e os dados do Kantar Ibope⁷ (2021), pode-se concluir que uma grande parcela de expectadores assiste a Rede Globo, principalmente no horário que é considerado nobre na televisão: o período de transmissão das novelas e do telejornal.

De acordo com Nascimento (2018), desde 1970 a Globo é líder de audiência, está presente em mais de 98% dos municípios brasileiros, e apenas 0,64% não estão cobertos pelo seu sinal (NEGÓCIOS GLOBO, 2017). A Organizações Globo, líder de um conglomerado econômico e financeiro, são detentoras de 4 jornais, 15 revistas, 23 sites e 26 marcas⁸, formando o maior grupo de comunicação da América Latina.

Além da posição confortável na TV aberta, a Globo está aumentando cada vez mais o seu alcance com novas formas de consumo de seus conteúdos. Em 2015, inaugurou o serviço de streaming Globoplay na internet, que permite os telespectadores assistirem toda a grade de sua programação no momento

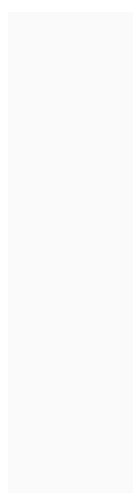
⁷ Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 29/03 a 04/04/2021

Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-29-03-a-04-04-2021/>. Acesso em: 19 mai 2021.

⁸ Fonte: Disponível em <https://www.publicidadeeditoraglobo.com.br/nossasmarcas>. Acesso em: 18 mai 2021.

que tiverem disponibilidade, ou ao vivo, com o uso de dispositivos móveis. Com os portais de notícias pertencentes ao Grupo, como o globo.com, a emissora reproduz os conteúdos veiculados na TV, estendendo o alcance das informações que propaga em sua grade para os consumidores da internet. Os sites da globo.com são os mais acessados da internet brasileira com exceção do Google, Youtube e do Facebook (EXAME, 2021).⁹

Figura 1: Gráfico atualizado em maio de 2021 com os sites mais acessados do Brasil segundo a Revista eletrônica Exame.



Os sites mais acessados no Brasil
Maio/2021

Colocação	Site	Porcentagem de tráfego	Visitas mensais (maio/21)
1º	Google.com	18,60%	4,69 bilhões
2º	YouTube.com	5,89%	1,48 bilhão
3º	Facebook.com	4,80%	1,21 bilhão
4º	Globo.com	3,17%	800,5 milhões
5º	UOL.com.br	2,35%	592,7 milhões
6º	Instagram.com	2,20%	554,4 milhões
7º	WhatsApp.com	1,79%	450,5 milhões
8º	XVideos.com	1,59%	400,8 milhões
9º	Google.com.br	1,44%	363,8 milhões
10º	Twitter.com	1,02%	256,5 milhões

Fonte: Revista Exame

Por todo exposto, vale ressaltar que no Brasil, a Rede Globo assume uma centralidade na formação da agenda pública. Dentro deste cenário, no qual a emissora possui a primazia televisiva, como claramente se encontra a audiência brasileira, a cobertura da crise do mensalão é de grande importância para uma compreensão de seus efeitos na sociedade.

⁹ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-os-10-sites-mais-acessados-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em 23/08/2021

4 O JULGAMENTO E A COBERTURA DO JULGAMENTO PELO JORNAL NACIONAL

O julgamento da Ação Penal 470 ficou a cargo do Supremo Tribunal Federal (STF), órgão que pertence ao Poder Judiciário, cuja função é garantir os direitos previstos na Constituição. O STF é formado por onze ministros que são nomeados pelo Presidente da República após aprovação absoluta no Senado Federal. Na época os ministros do julgamento eram: Joaquim Barbosa, Ricardo Lewandowski, Rosa Weber, Luiz Fux, Dias Toffoli, Cármen Lúcia, Gilmar Mendes, Marco Aurélio Mello, Celso de Mello, Cezar Peluso, Ayres Britto. 10 De acordo com o STF, o julgamento do mensalão foi o mais longo da história do Supremo Tribunal Federal, contando com 53 sessões no total, contra 38 réus. 11

De acordo com Abreu (2009), o JN é o noticiário mais assistido do país e é reconhecido por ser também, o mais influente. Além disso, é o principal telejornal da emissora com maior audiência do Brasil, segundo o Ibope¹².

Durante o período do julgamento, o JN acompanhou de forma intensa e direta a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF).

Na tarde do dia 02 de agosto de 2012, o STF iniciou o julgamento do caso que, por inúmeros fatores foi considerado singular, como, por exemplo, suas características formais¹³. O processo foi constituído por 50.199 páginas, divididas em 234 volumes, foram ouvidas cerca de 600 pessoas em cinco anos de investigação¹⁴. A lista de acusados incluía funcionários públicos,

10 Fonte com os nomes dos ministros: <https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/ministros-stf/>

11 O julgamento da AP 470 foi o mais longo da história do Supremo Tribunal Federal (STF). Foram necessárias 53 sessões plenárias para julgar o processo contra 38 réus. Quando começou a ser julgada, a ação contava com 234 volumes e 495 apensos, que perfaziam um total de 50.199 páginas. Dos 38 réus, 25 foram condenados e 12 foram absolvidos. Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=463088&caixaBusca=N>
Acesso em: 15 abr 2021.

¹² Comparativo da audiência da TV Globo com os demais canais brasileiros:

<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-29-03-a-04-04-2021/>. Acesso em: 17 abr 2021.

¹³ Início do julgamento. Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=210777&caixaBusca=N>
Acesso em: 15 abr 2021.

¹⁴ STF: AP 470 <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=236494>
Acesso em: 15 abr 2021.

empresários, publicitários, parlamentares, banqueiros e outros nomes envolvidos na política, dentre eles, o ex-ministro da Casa Civil do primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, José Dirceu (ARAÚJO, 2013).

Depois de 53 sessões e após terem se passado 138 dias, o Supremo Tribunal Federal condenou 25 dos 38 réus. O encerramento do julgamento se deu formalmente no dia 17 de dezembro de 2012. Após essa data, transitaram na justiça os chamados “embargos infringentes” que tinham o objetivo de obter uma possível revisão das decisões de condenação.¹⁵

A intensa cobertura realizada pelos veículos de comunicação do país foi um dos elementos mais diferenciadores da Ação Penal.

Durante os meses de julho, agosto e setembro de 2005, a crise política, em particular as denúncias que circulavam nas várias instâncias de investigação em funcionamento tanto no Congresso Nacional quanto fora dele, dominou inteiramente o noticiário da grande mídia. Era como se nada mais estivesse ocorrendo no país. (LIMA, 2006, p.18)

Os expressivos números de 500 jornalistas de 65 veículos de comunicação foram credenciados para cobertura do julgamento (ARRUDA, 2014). Durante os quatro meses e meio as sessões foram transmitidas pela televisão e os principais meios de comunicação o denominavam “julgamento do século”¹⁶. Além disso, de acordo com os estudos de Sartori (2014, p.122) e Mendes (2012, p.52), durante as reportagens as opiniões divergentes dos ministros Joaquim Barbosa e Ricardo Lewandowski eram enfatizadas pelos repórteres e apresentadores, possivelmente, com o intuito de levantar a ideia de um possível conflito nas decisões que estariam por vir aos acusados.

Outro fator interessante que os estudos sobre o mensalão podem explicar é o interesse do público, representando um julgamento que gerou debates em toda comunidade (GALINDO, 2009).

Com base em todo exposto, pode-se afirmar que o julgamento do mensalão assumiu características que até então não haviam sido vivenciadas na história do Supremo Tribunal Federal. Uma cobertura implacável da imprensa e

¹⁵ STF: AP 470 <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=236494>
Acesso em: 15 abr 2021.

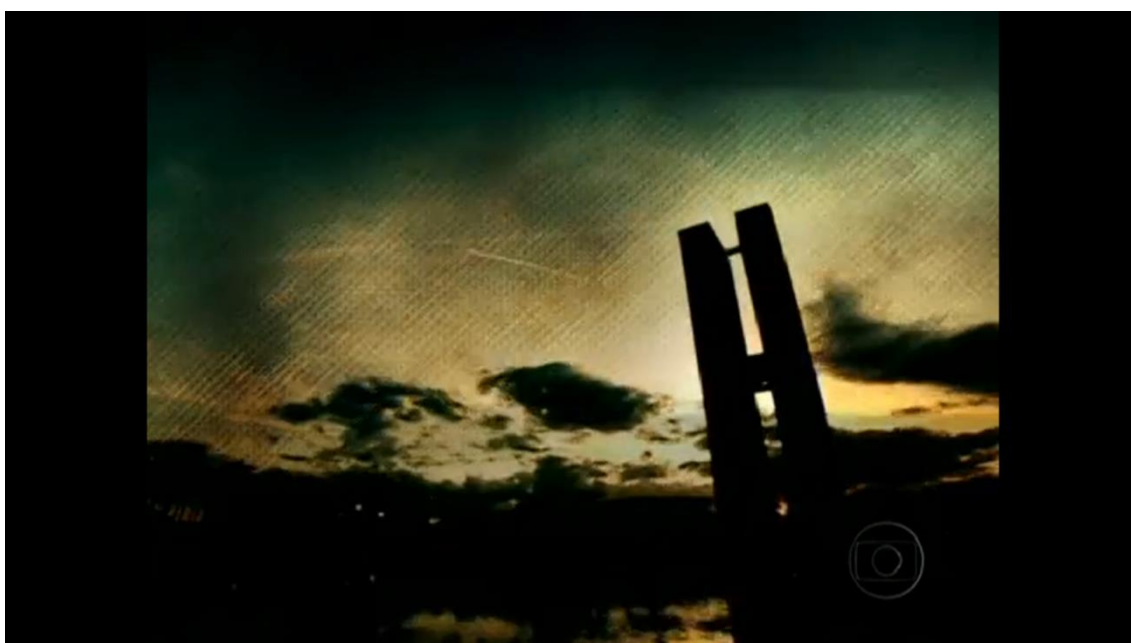
¹⁶ Entrevista da revista Veja ao ministro Carlos Ayres Britto, um dos responsáveis pelo julgamento do mensalão: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/mensalao-sera-o-julgamento-do-seculo/> Acesso em: 15 abril 2021.

um inusitado clamor público, como nunca havia acontecido. (MENDONÇA; BARROSO, 2013).

A cobertura do julgamento do mensalão, entre os dias 02 de agosto de 2012 e 17 de dezembro de 2012, foi realizada usufruindo de diversos recursos como edição de passagens, sonoras, entrevistas e as reportagens sobre o caso foram marcadas pelo uso de recursos técnicos para edição de imagem e som.

As primeiras imagens veiculadas, foram do Supremo Tribunal Federal e apareceram com um efeito sombreado na tela, e um efeito sonoro que indicava suspense.

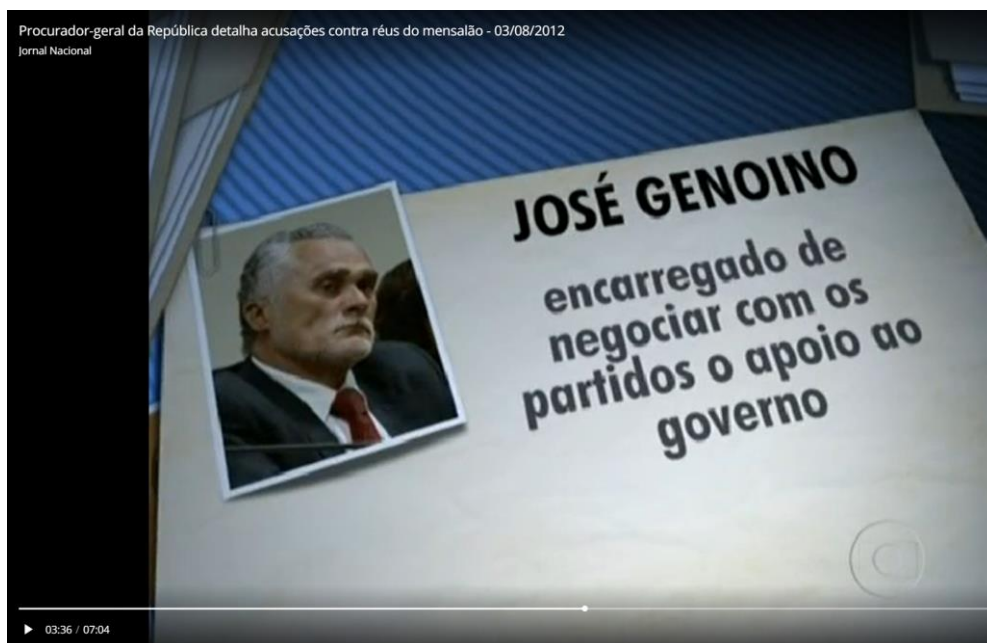
Figura 02: Primeira imagem da reportagem exibida no dia 30/07/2012



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Ao todo, o telejornal exibiu 82 edições trazendo informações acerca do desenrolar do mensalão, entre o período de 30 de julho a 21 de dezembro de 2012 (SARTORI, 2014). As edições exibiram reportagens e entradas de repórteres ao vivo, e em alguns casos, o tema central da edição foi o julgamento do mensalão, como no dia 03 de agosto de 2012, que segundo Sartori (2014), 51,31% da edição foi dedicada ao mensalão. Aqui já pode-se verificar que o JN teve todo um trabalho de edição, de utilização dos seus recursos tecnológicos e até mesmo de agendamento durante a cobertura, o que será esmiuçado ao longo da pesquisa.

Figura 03: Edição com 51,3% de tempo de tela dedicado ao mensalão.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Um fator que chama atenção ao assistir as reportagens, foi a maneira como o JN construiu a narrativa para demonstrar aos telespectadores os posicionamentos dos ministros quando da condenação ou absolvição dos réus.

De acordo com Guazina (2010), conflito é uma metacategoria dramática estruturante do noticiário político. Também é a partir disso que podemos perceber a ação dos personagens dentro de uma trama.

5 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, será avaliada a construção da abordagem adotada pelo noticiário JN na cobertura do julgamento do mensalão no que se refere à figura do ministro Joaquim Barbosa. O percurso metodológico que norteia o estudo terá como referência a metodologia proposta por Itania Maria Mota Gomes (2007), que preconiza uma análise dos modos de endereçamento no telejornalismo. Para viabilizar a análise, será levado em conta não só o conteúdo das matérias, mas também as construções discursivas utilizadas para narrá-las, foram destacadas edições em que o ministro Joaquim Barbosa teve mais destaque, no que se refere ao tempo de tela e foco das reportagens.

Para tanto, foram selecionadas nove edições do JN entre o período de 20 de agosto de 2012 a 06 de dezembro de 2012, o que corresponde a 10% do total de 94 reportagens sobre mensalão exibidas pelo telejornal. O julgamento foi finalizado em 17 de dezembro de 2012, todavia, as sessões foram retomadas em 2013 para análise dos recursos jurídicos solicitados pela defesa dos réus. Em dezembro de 2012, 25 réus foram condenados pelo caso e presos.

Para análise criteriosa das reportagens que compuseram a cobertura, foi necessário assistir cada edição do JN compreendida no período que se deu o julgamento e durante a cobertura dos recursos solicitados na justiça pelos réus, e para isso, foi efetuada a assinatura do portal Globo Play, onde é disponibilizado toda grade de programação da Rede Globo na íntegra, sem comerciais e todo acervo de exibições anteriores do telejornal. Foi feito o download das edições do Jornal Nacional transmitidas dentro desse período e após isso, realizado a seleção de algumas edições importantes para compreensão dos modos de endereçamento empregados na construção da imagem de Joaquim Barbosa, objeto do estudo:

- a) 20/08/2012: “Relator do julgamento do mensalão vota pela condenação de Marcos Valério e outros réus”.¹⁷

¹⁷ Link das reportagens: Acesso em: 31/08/2021 Disponível em:

- a) <https://globoplay.globo.com/v/2099246/?s=0s>
- b) <https://globoplay.globo.com/v/2149693/?s=0s>
- c) <https://globoplay.globo.com/v/2170711/?s=0s>
- d) <https://globoplay.globo.com/v/2183091/?s=0s>

- b) 20/09/2012: “Ministro relator condena 12 réus por venda de apoio político. ”
- c) 03/10/2012: “Ministro relator do mensalão condena oito réus por corrupção ativa”
- d) 10/10/2012: “Ministro Joaquim Barbosa é eleito presidente do Supremo”.
- e) 18/10/2012: “Joaquim Barbosa condena 11 réus por formação de quadrilha”.
- f) 13/11/2012: “Ministro Joaquim Barbosa explica como será o cumprimento da pena dos réus do mensalão”.
- g) 22/11/2012: “Joaquim Barbosa fez da origem humilde um impulso para a sua carreira. ”
- h) 22/11/2012: “Joaquim Barbosa assume a presidência do Supremo”.
- i) 06/12/2012: “Joaquim Barbosa vota pela perda de mandato de deputados réus do mensalão”.

As reportagens foram selecionadas em virtude da relevância que Joaquim Barbosa teve em cada uma dessas edições. Seja pela atenção dada a cobertura e justificativa dos seus votos, que consumiu boa parcela das reportagens com o dobro de tempo de outros ministros, ou pelas edições em que foi protagonista, tendo sua estória de vida narrada aos telespectadores. Em dias decisivos como condenações por corrupção ativa, formação de quadrilha, venda de apoio político, cumprimento das penas, perda de mandatos dos deputados a atuação do ministro foi o tema central da reportagem, ademais, Joaquim Barbosa teve edições dedicadas totalmente a ele, com relatos de como triunfou na carreira jurídica mesmo sendo um homem negro e de origens humildes.

O estudo sobre o material se dará por meio da análise dos nove operadores de análise propostos por Gomes que foram utilizados em cada uma das reportagens acima mencionadas, e após isso, será proposta uma reflexão

e) <https://globoplay.globo.com/v/2197078/?s=0s>

f) <https://globoplay.globo.com/v/2240760/?s=0s>

g) <https://globoplay.globo.com/v/2256327/?s=0s>

h) <https://globoplay.globo.com/v/2256332/?s=0s>

i) <https://globoplay.globo.com/v/2280994/?s=0s>

dos resultados encontrados, sendo essa análise realizada através da operacionalização dos modos de endereçamento definidos pela pesquisadora a saber: mediador, pacto sobre o papel do jornalismo, organização temática e contexto comunicativo, os recursos técnicos a serviço do jornalismo, recursos da linguagem televisiva, formatos de apresentação da notícia, relação com as fontes de informação, e o texto verbal.

5.1 OS CONCEITOS DA METODOLOGIA: GÊNERO TELEVISIVO E MODOS DE ENDEREÇAMENTO

Para a execução do presente estudo, foi crucial o embasamento em dois conceitos metodológicos propostos por Gomes (2007): Gênero televisivo e modos de endereçamento. A metodologia empregada neste estudo foi desenvolvida durante mais de uma década de pesquisa no âmbito do Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo (GPAT), Gomes (2011). Segundo GOMES, 2011, p. 7.

Ele toma como seu objeto a análise e interpretação de telejornalismo, a partir de dois conceitos metodológicos, o de gênero televisivo e o de modo de endereçamento, a partir de uma metodologia capaz de levar conta a linguagem televisiva em seus elementos textuais, visuais, sonoros; a configuração interna dos programas, de suas formas materiais, dos dispositivos técnicos, visuais e discursivos que organizam sua recepção.

De acordo com os estudos de Gomes (2007), o conceito de modos de endereçamento tem origem na análise fílmica, especificamente, nas vertentes ligadas a screen theory, todavia, desde os anos 80 tem sido transposto para auxiliar os estudos televisivos a interpretar como programas fazem a construção da sua relação com os telespectadores.

Na metodologia voltada para o universo televisivo, tem sido apropriado como uma forma de levar a uma maior compreensão de como o programa se relaciona com seu público a partir da configuração de um estilo próprio. Segundo Gomes, 2006, p. 11:

Autores como David Morley (1978, 1999), John Hartley (1997, 2000, 2001) e Daniel Chandler (2003) articulam os modos de endereçamento para compreender a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. Segundo Morley, o modo de endereçamento se caracteriza pela relação que o programa propõe para ou em conjunto com a sua audiência.

Segundo a autora, o conceito aplicado aos estudos de Jornalismo leva a tomar como pressuposto que existe uma orientação específica por parte de quem produz uma notícia em relação não só ao evento, fato ou acontecimento, mas também em relação ao receptor (GOMES, 2007).

Aqui, portanto, adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. (GOMES, I., 2007, p. 22).

Em seu estudo, a autora traz uma abordagem que considera não apenas aspectos históricos, sociais, ideológicos e culturais que estão em articulação com o telejornal analisado, mas também a materialidade do programa telejornalístico em si.

A metodologia que GOMES (2007) desenvolveu, parte de duas premissas fundamentais apropriadas do pensamento do teórico Raymond Williams: a de que o telejornalismo é uma forma cultural e também uma instituição social. Considerá-lo deste primeiro modo implica conceber uma visão do Jornalismo em si não como um campo imutável, mas como um lugar de pressões e limites que é caracterizado a partir de elementos não só da ordem econômica ou política, mas também social e cultural. Dessa forma, a ideia do que é de fato o jornalismo, está em constante mudança na sociedade, não existindo uma única forma de fazer telejornalismo. É possível e bem provável que haja similaridades na forma como cada sociedade escolhe empregar seu telejornalismo, mas as particularidades também existirão.

O conceito de modo de endereçamento permite ao analista acessar o que é próprio da linguagem televisiva no produto em questão, de forma que avalia o texto verbal emitido pelos mediadores, além de outros aspectos como a sonoplastia empregada nas matérias e vinhetas, a identidade visual construída pelo programa, os recursos de edição utilizados, dentre outros elementos.

Segundo Gomes (2007, p.20, APUD cf. Morley & Brunsdon, 1978), modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. Portanto, torna-se muito pertinente ao presente estudo, pelo modo como contempla a forma como um programa se relaciona com o seu público a partir da configuração de um estilo próprio, uma identidade que o torne diferente de outros produtos.

Sobre a aplicação do conceito de modo de endereçamento ao gênero televisivo, diz Gomes (2007, p. 23):

No esforço de construir uma metodologia de análise do telejornalismo, temos buscado a articulação entre estrutura de sentimento, gênero televisivo e modo de endereçamento. A associação entre esses conceitos pode se mostrar uma boa base conceitual e metodológica para análise e crítica do telejornalismo porque nos permite considerar o telejornalismo, a um só tempo, uma instituição social e uma forma cultural e, portanto, proceder a uma análise que faculte a consideração de um produto midiático a partir da sua vinculação com a história e com o contexto, sem abrir mão da análise concreta dos programas.

Gomes (2007) defende que apesar do conceito ser estruturado a partir de nove operadores, é necessário considerá-los de maneira integrada durante a análise, de maneira que não sejam aplicados de forma separada por categoria. A intenção é guiar o olhar do analista para que possa acessar o modo de endereçamento construído pelo programa do estudo.

1. O mediador. A diversificação de formatos nos impõe pensar em vários mediadores dentro de um mesmo programa jornalístico. Em geral, os programas das emissoras profissionais contam com apresentadores ou âncoras, comentaristas, correspondentes e repórteres. Sem dúvida, em qualquer formato de programa jornalístico na televisão, o apresentador é a figura central, aquele que representa a “cara” do programa, e que constrói a ligação entre o telespectador e os outros jornalistas que fazem o programa. Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador. Gomes (2007, p.4)

2. Temática, organização das editoriais e proximidade com a audiência. A arquitetura dessa organização implica, por parte do programa, a aposta em certos interesses e competências do telespectador.

3. O pacto sobre o papel do jornalismo. A relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade. É esse pacto que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa. Para compreensão do pacto é fundamental a análise de como o programa constrói as ideias de verdade e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera, como lida com a questão da responsabilidade social, do direito público à informação e da liberdade de expressão e de opinião. Gomes (2007, p.4)

4. O contexto comunicativo. Outro operador de análise do modo de endereçamento é o "contexto comunicativo" em que o programa televisivo atua, contexto que compreende tanto emissor, quanto receptor e mais as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá. A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado. Isso pode ser melhor explicado pelo recurso à noção de instruções de uso de um texto, ou seja, aqueles princípios reguladores da comunicação – os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta. Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente ('você, amigo da Rede Globo', 'para o amigo que está chegando em casa agora', 'esta é a principal notícia do dia', 'Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você', 'você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está') - ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. Gomes (2007, p.4)

5. Os recursos técnicos a serviço do jornalismo. O modo como as emissoras lidam com as tecnologias de imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa/ da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade. A exibição das redações como pano de fundo para a bancada dos apresentadores na maior parte dos telejornais atuais é apenas uma dessas estratégias de construção de credibilidade e, ao mesmo tempo, de aproximação do telespectador, que se

torna, assim, cúmplice do trabalho de produção jornalística. Mas as transmissões ao vivo ainda são o melhor exemplo do modo como os programas buscam o reconhecimento da autenticidade de sua cobertura por parte da audiência. Redes internacionais como a CNN e a BBC são exemplares nesse sentido. Infográficos, mapas do tempo, vinhetas, telões e cenários virtuais formam o conjunto dos recursos técnicos que, para além de credibilidade, dão agilidade e ajudam a construir a identidade dos programas e das emissoras. Gomes (2007, p.5)

6. Recursos da linguagem televisiva. Aqui nos referimos à utilização dos recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados pelos programas jornalísticos. Gomes (2007, p.5)

7. Formatos de apresentação da notícia. Os formatos de apresentação da notícia dão importantes pistas sobre o tipo de jornalismo realizado pelos programas e, em certa medida, deixam transparecer o investimento da emissora na produção da notícia. Gomes (2007, p.5)

8. Relação com as fontes de informação. Há dois tipos elementares de fontes nos programas jornalísticos, a autoridade / o especialista e o cidadão comum. Na maioria dos programas brasileiros, a fonte oficial é tratada de modo a transferir sua credibilidade para o programa, através do recurso à voz autorizada. Em menor escala, temos as entrevistas duras, combativas. O cidadão comum aparece de três modos básicos nos programas jornalísticos: quando ele é afetado pelas notícias; quando ele próprio se transforma em notícia, seja nos fait divers, seja nas humanizações do relato; quando ele autêntica a cobertura noticiosa e é tratado como vox populi. Gomes (2007, p.5)

9. O texto verbal. A análise do texto verbal revela as estratégias empregadas pelos mediadores para construir as notícias, interpelar diretamente a audiência e construir credibilidade. Adotamos aqui, provisoriamente, modalizadores de atualidade, de objetividade, de interpelação, de leitura, e o modalizador didático (cf. VIZEU. 2002). Gomes (2007, p.6)

A proposta do estudo é refletir a partir do recorte realizado, sobre a estrutura do programa enquanto produto jornalístico televisivo. Pretende-se responder perguntas como: “O que é próprio do JN”? e “De que modo ele convoca o telespectador”? E claro, buscar as respostas com o olhar voltado para

a construção da imagem do Ministro Joaquim Barbosa durante a cobertura do evento judicial denominado Mensalão.

Assim como toda imprensa brasileira, o JN também deu grande destaque ao acontecimento durante os meses em que ocorreram as sessões. Entre 02 de agosto de 2012 e 17 de dezembro de 2012 foram ao ar 94 reportagens, com uma soma de 270 minutos no ar. Das 94 reportagens sobre o mensalão, nove destacaram, principalmente, a atuação do ministro Joaquim Barbosa.

6 O PROCESSO DE ANÁLISE

A análise foi feita com base na metodologia proposta por Gomes (2007 e 2005), a partir do conceito de modo de endereçamento. Desta forma, serão apresentados os operadores de análise sugeridos pela autora, citados anteriormente, para analisar produtos telejornalísticos. Estes operadores, baseados em trabalhos de autores como Jensen (1986), Hall (1973), Morley e Brundson (1980), serão descritos e a pesquisa indicará de que forma eles aparecem no programa. O foco está no operador dos mediadores, operador este que engloba os apresentadores — quem o trabalho tenta entender e analisar.

Gomes considera os telejornais como uma especificidade dentro da grade de programação televisiva porque compõem, no seu conjunto, o gênero “programa jornalístico televisivo”, que segue formatos e regras do campo jornalístico em negociação com o campo televisivo. (2007, p.19).

De acordo com Fernandes (2010), uma das pessoas que mais recebeu destaque da imprensa foi o ministro Joaquim Barbosa, primeiro negro a ocupar um cargo no Supremo Tribunal Federal em toda sua história, relator do caso, função que atribuíu a ele a responsabilidade de proferir seus votos primeiro e ter mais tempo para justificá-los por ter tido a incumbência de analisar o processo com mais afinco na fase de investigação, além de elencar suas conclusões sobre os fatos e declarar se os réus eram culpados ou inocentes além de estabelecer as penas (Fernandes, 2010).

No julgamento, a divergência de opiniões de dois dos onze ministros que julgavam o caso atraiu a atenção do telejornal: o relator Joaquim Barbosa e o revisor Ricardo Lewandowski.

Conforme analisado no corpus da pesquisa, os ministros divergiram em diversas acusações. De acordo com Mendes (2012) das 87 condenações possíveis, enquanto Joaquim Barbosa votou por 16 absolvições, Lewandowski votou por 71. Esses contrapontos, foram explorados com ênfase na cobertura do JN, estimulando o telespectador a olhar para os dois personagens como figuras opostas: o que está do lado da justiça e o que está do lado dos réus.

A partir do estudo de Sartori (2014) sobre a exploração do conflito e da análise das reportagens a partir dos operadores, percebe-se que as discussões entre Joaquim Barbosa e Ricardo Lewandowski foram exploradas por toda

cobertura do mensalão, posteriormente sendo acrescentados outros personagens.

Além da exploração do conflito existente entre os votos dos ministros Ricardo Lewandowski e Joaquim Barbosa, a narrativa do JN também dedica grande parte da cobertura ao ministro relator. Algumas das reportagens selecionadas mostram que o ministro Joaquim Barbosa teve um passado diferente da maioria dos juristas brasileiros, citando nas reportagens sua origem humilde com imagens e depoimentos de conhecidos. Sobre essa representação da figura de Joaquim Barbosa, o mestrando Araújo elucida:

Joaquim Barbosa é alvo, em nosso entender, de um efeito de heroicização, mediaticamente construído, que dá maiores sinais de evidência, a partir do momento em que ele condena boa parte dos acusados, entre eles, José Dirceu. (ARAÚJO, 2013, p.106).

A reportagem mostra a vida do ministro, elencando as superações e dificuldades para que ele pudesse alcançar o posto que ocupa, mostrando sua estória de vida e desempenho impecável no mais alto posto da Justiça Brasileira.

Na fase inicial do julgamento, precisamente na edição do dia 20/08/2012, o JN exibiu uma reportagem de 03'28" focada exclusivamente nos votos condenatórios de Joaquim Barbosa para Marcos Valério e de um ex-diretor do Banco do Brasil ligado ao PT.

Na edição do dia 20/09/2012, o JN exibiu uma reportagem com duração de 05'06" com destaque para o posicionamento de Joaquim Barbosa na condenação de 12 réus por venda de apoio político. Até o minuto 03'04" o telejornal destaca os votos de Joaquim Barbosa e as condenações por ele realizadas. No momento 03'06" a matéria começa a abordar os votos do revisor Ricardo Lewandowski e busca enfatizar que foram contrários aos votos do relator e as divergências entre o ministro que condena e o que absolve. Nas falas dos mediadores, os verbos empregados para explicarem os votos de Joaquim Barbosa foram (na ordem da reportagem): "condenou", "condenado por Joaquim Barbosa", "concluiu", "analisou", "condenou", "condenou", "condenou", "condenou", "foi condenado". Em contrapartida, na explicação dos votos de Ricardo Lewandowski, esses foram os verbos utilizados: "analisou", "discordou",

“condenou”, “analisar”, “divergiu”, “considerou”, “absolveu”, “analisar”, “divergiu”, “considerou”, “absolveu”.

A reportagem inicia com a manchete dada por Willian Boner: “O relator do processo do mensalão, condenou hoje 12 réus por envolvimento na venda de apoio político ao governo Lula no Congresso”.

Patrícia Poeta: “Roberto Jefferson, o homem que denunciou o esquema de corrupção, foi condenado por Joaquim Barbosa por corrupção passiva e lavagem de dinheiro”.

Corta para off da repórter com imagens de Joaquim Barbosa.

Passagem da repórter Julianna Morrone: “Ao concluir o voto, o relator condenou 12 réus por integrar um esquema de venda de apoio político em troca de pagamentos em dinheiro. Sete eram deputados na época do escândalo”.

Figura 4: Manchete evidenciando as condenações feitas por Joaquim Barbosa



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Após a passagem, corta para a imagem que evidencia os votos de Joaquim Barbosa em cada réu e a repórter utiliza novamente a expressão “condenou” mais cinco vezes ao narrar as imagens. Essa passagem dura 42 segundos.

Figura 5: Manchete do Globo Play explicando os votos do relator.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Em um dos dias do julgamento em que os ministros Ricardo Lewandowski e Joaquim Barbosa discordaram de uma decisão, precisamente 26/09/2012, a fala da repórter Giuliana Morrone que conduz a matéria, corrobora com a hipótese de que a diferença entre o ministro que estava condenando e o ministro que estava absolvendo, assumiu o primeiro plano da narrativa.

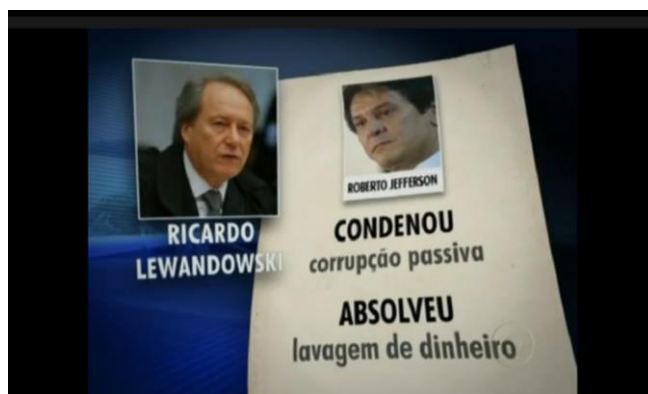
Giuliana Morrone: “Segundo Lewandowski, Roberto Jefferson confessou ter recebido em torno de R\$4.000,00 do esquema do PT com a ajuda das empresas de Marcos Valério e do Banco Rural. De acordo com o revisor, (Ricardo Lewandowski) Jefferson decidiu fazer as denúncias por não ter recebido o valor total prometido pelo PT, de R\$20.0000,00.

Imagens do STF com a voz da repórter: Giuliana: “O revisor ressaltou que Jefferson não informou o destino do dinheiro, que segundo Lewandowski serviu até para comprar apartamento da amante do ex presidente do PTB, José Carlos Martinez.

Ricardo Lewandowski: “Ele confessou que recebeu, assumiu que recebeu, e não disse pra quem deu”.

Giuliana: **“O revisor condenou Roberto Jefferson por corrupção passiva, mas ao contrário do que fez o relator (Joaquim Barbosa), o absolveu do crime de lavagem de dinheiro.”**

Figura 06: Imagem utilizada na reportagem do dia 26/09/2012¹⁸



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Em média as sonoras exibidas nas matérias do JN, tem no máximo 20 segundos, na matéria do dia 03/10/2012, por 04'10" a atuação de Joaquim Barbosa, seus votos e explanações são mostrados, entre off de duas repórteres e passagem com as justificativas de voto do ministro. A reportagem completa tem duração de 05'35" e a atuação de Joaquim Barbosa é o tema central, iniciando com a fala do âncora Willian Bonner: "O relator do processo do mensalão, condenou hoje oito réus por corrupção ativa, e afirmou que o ex-ministro da casa Civil José Dirceu, foi mandante dos pagamentos indevidos para comprar o apoio de parlamentares."

Ao analisar esta edição, vê-se que esta foi a única reportagem sobre o mensalão da data, e como as demais edições analisadas, foi considerado a manchete disponibilizada na página do JN no portal Globo Play, que era: "Ministro relator do mensalão condena oito réus por corrupção ativa". Os votos de Joaquim Barbosa são explicados um por um, dando ênfase na leitura dos votos de 10 réus e na explicação do ministro para o funcionamento do esquema. Ricardo Lewandowski teve uma participação de 01'14" ao final do VT para explicar seus votos.

É possível observar nas reportagens selecionadas para análise, o processo de construção pelo o telejornal cria uma abordagem centrada exclusivamente nos aspectos mais marcantes da trajetória do ator social, destacando suas origens humildes, a infância estigmatizada por ser pobre e

¹⁸ Reportagem do dia 26/09/2012: "Relator e revisor do mensalão têm discussão acalorada no STF". Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2159292/?s=0s> Acesso em: 19 mai 2021.

negro, embasando também em relatos de pessoas próximas ao ministro sobre a pessoa dele, sua integridade e seus valores intrínsecos. Isso se mostra evidente por exemplo, na edição do dia 10/10/2012, em que foi exibida uma reportagem exclusiva sobre Joaquim Barbosa, além das matérias elaboradas sobre as sessões do mensalão. Neste dia, o ministro foi eleito Presidente do STF, e uma matéria com título “Joaquim Barbosa é eleito presidente do Supremo” de 02’28”, destaca a trajetória do ministro em sua vida pessoal, como ministro e sua personalidade.

Na reportagem do dia 18/10/2012, o telejornal abre a matéria do mensalão com a âncora do jornal, Renata Vasconcelos afirmando:

“O relator do processo do Mensalão, Joaquim Barbosa, condenou hoje 11 réus por formação de quadrilha, ele detalhou o papel de cada acusado e reafirmou que o grupo era comandado pelo ex-chefe da casa civil José Dirceu”.

A passagem da repórter com a imagem de Joaquim Barbosa ao fundo tem duração de 20 segundos e logo após segue uma passagem do ministro explicando seu voto com duração de 26 segundos. A reportagem teve 02’13” dedicados a atuação do ministro, tempo bem acima do que o jornal dedica comumente as passagens. Mais uma edição com uma única matéria de duração maior sobre o caso do mensalão.

Na edição do dia 13/11/2012, a manchete foi “Ministro Joaquim Barbosa explica como será o cumprimento da pena dos réus do mensalão”, e toda a matéria tem enfoque na performance do ministro. Além de mostrar a explicação do ministro, o telejornal também evidencia que ele será eleito presidente do Supremo no dia 22 de novembro e apresenta uma passagem do ministro entregando os convites da posse para algumas personalidades do meio político, como José Sarney, presidente do senado e Marco Maia, presidente da Câmara de deputados. Os 02’44” foram todos voltados para a atuação do ministro Joaquim Barbosa.

A reportagem começa com a cabeça dada pelo mediador Heraldo Pereira:

Cabeça: “O relator do mensalão afirmou hoje que os condenados do processo não terão direito a prisão especial. ”

Figura 7: Destaque dado a Joaquim Barbosa



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Ao final da reportagem, a repórter Cristina Serra afirma em sua passagem:

“O Supremo afirmou agora a pouco, que 23 dos 25 réus condenados entregaram os passaportes até as 19h00 da noite de hoje conforme determinação do ministro Joaquim Barbosa. Eles estão impedidos de deixar o país sem autorização do Supremo”.

Figura 8: Destaque as explicações de Joaquim Barbosa sobre as condenações.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

No dia 22/11/2012 o JN teve uma edição dedicada a Joaquim Barbosa, e exibiu duas reportagens exclusivamente sobre o ministro. Este foi o dia que o ministro foi empossado Presidente do STF, e duas inserções, uma de 01'47", e outra de 02'55" foram totalmente dedicadas a contar a história do "homem de origem humilde". A âncora do telejornal, Patrícia Poeta abre a reportagem com os dizeres: "O novo ministro do Supremo tem 58 anos, e a origem humilde foi um impulso importante na valorização dos estudos". Nas sonoragens da repórter e nas passagens dos entrevistados, a personalidade de Joaquim Barbosa é enaltecida, e muitos elogios são tecidos a ele, inclusive pronunciadas por um ator da Rede Globo, também negro, Lázaro Ramos: "É um cara que 'tá' dialogando exatamente com o que a sociedade quer né?"

Figura 9: Lázaro Ramos participa da posse do Ministro Joaquim Barbosa



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

A reportagem destaca entre as falas dos convidados para a posse, (especificamente pessoas próximas a Joaquim Barbosa), outros adjetivos, como "homem verdadeiro", "que gosta das verdades", "sempre um aluno de destaque", e a repórter elenca as dificuldades que o ministro teve de enfrentar para se tornar quem ele é hoje. A segunda reportagem tem a manchete "Joaquim Barbosa assume presidência do Supremo Tribunal Federal."

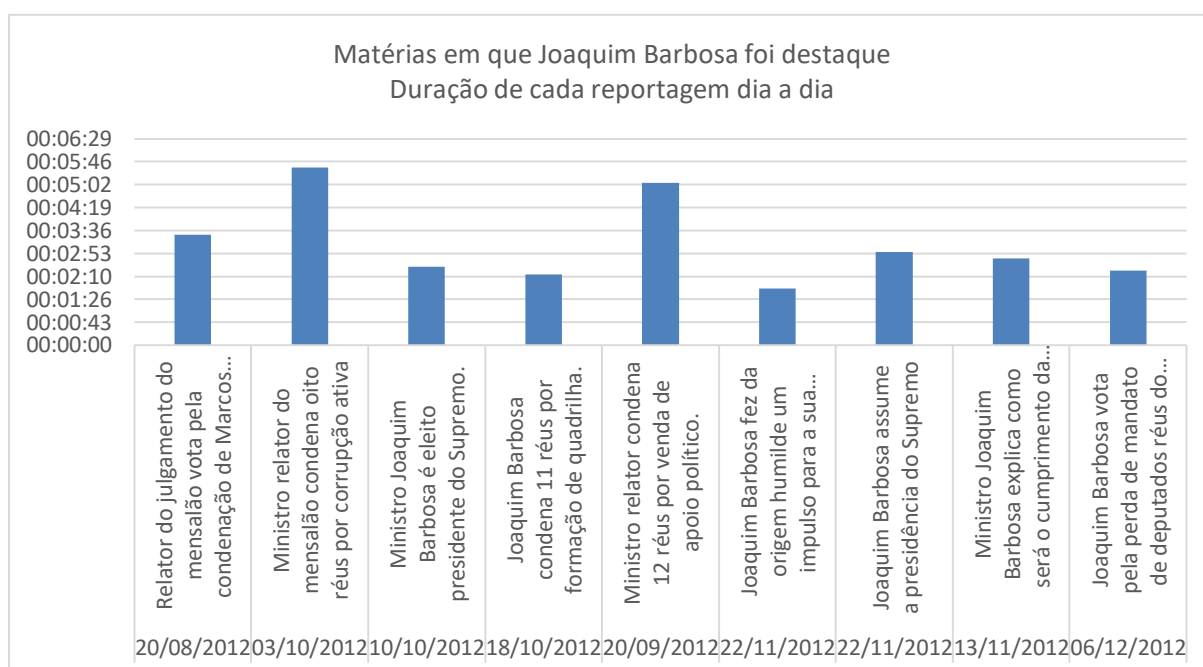


Figura 10: Gráfico com a duração das reportagens em que Joaquim Barbosa foi protagonista.

É possível ainda visualizar a relação da construção narrativa com o conceito de modos de endereçamento no gênero televisivo, que segundo Gomes (2007) é um conceito que se refere a algo que está no texto ou no programa, e que age, de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais. Dessa maneira, compreender a narrativa automaticamente nos levará a compreender como se deu a relação do JN com sua audiência durante o escândalo, como a imagem do ator social Joaquim Barbosa foi desenhada dentro desse espectro de escândalo midiático.

A edição do dia 06/12/2012 que foi veiculada na fase final do julgamento, teve apenas uma reportagem sobre o andamento do mensalão. Nesta inserção, o destaque é inteiramente dado ao voto do ministro Joaquim Barbosa para que os deputados réus do mensalão percam seu mandato. Apesar de aparecer também o voto do revisor Ricardo Lewandowski, que inclusive é contrário ao do ministro relator, o tempo de tela dedicado a Lewandowski foi de 30 segundos. A matéria completa tem duração de 02'21".

Após essa e outras reportagens que compuseram a cobertura do julgamento do escândalo, o JN foi “desenhando” os arquétipos de maneira que Joaquim Barbosa era retratado como defensor da lei, aquele que buscava por

justiça em prol do fim da corrupção no país. Enquanto a imagem de Ricardo Lewandowski era retratada como o vilão, que se ocupava mais em defender os acusados e legitimar seus argumentos.

Nesse sentido, pode-se perceber ao analisar as reportagens selecionadas que durante a cobertura, o conflito foi explorado ao trazer as notícias para o telespectador, e mais do que isso, nas falas dos âncoras e repórteres, é possível identificar uma ampliação desse conflito em forma de dramatização. De acordo com Charaudeau (2012, p. 257), “o poder político é também parte interessada na construção da agenda midiática e, de maneira geral, no jogo da manipulação”.

Através da aplicação dos métodos de análise por meio dos operadores, pode-se observar que a maneira pela qual o Jornal Nacional se dirige à sua audiência reflete a imagem que o programa instituiu dos seus telespectadores.

6.1 Mediadores

Em todas as edições, o telejornal inicia-se com os apresentadores Willian Bonner e Patrícia Poeta (apresentadora da época de cobertura do escândalo) saudando os telespectadores com “Boa noite”. Isso se mantém desde o início do JN na Globo, quando o apresentador era Cid Moreira, na década de 70. Gomes, 2011.

O cenário é formado por uma bancada cinza com um laptop discreto para cada apresentador, e o fundo é azul com a logomarca do telejornal à mostra. É possível visualizar um conjunto de pessoas da redação trabalhando atrás dos dois âncoras, o que aproxima o telespectador da produção jornalística. Segundo Gomes (2011, p.77), “o modo como os recursos da linguagem televisiva são utilizados para a ambientação do cenário sentenciam parte de suas apostas hierárquicas e valorativas” (Gomes, 2011, p. 77)

Algumas das reportagens dentro do período analisado, foram realizadas por duas repórteres alternadas, como no dia 03/10/2012 em que as repórteres Cristina Serra e Giuliana Morrone aparecem em uma mesma inserção, possivelmente, devido a duração das sessões que costumavam ocorrer durante todo o dia.

O mediador pode ser visto como a principal ponte de ligação entre o programa televisivo e sua audiência, uma vez que representa e auxilia na

composição do estilo e da identidade que o produto pretende construir com o telespectador.

6.2 Temática, organização das editorias e proximidade com a audiência

A organização temática das matérias veiculadas durante o mensalão e em especial do recorte escolhido, segue a fórmula adotada pelo JN desde a década de 70: assuntos de maior relevância jornalística no começo do programa, notícias mais leves e de comportamento/esportes, nos últimos blocos. Antes do telejornal entrar no ar, já nas chamadas, os apresentadores já comunicavam ao telespectador os destaques da cobertura do mensalão neste dia.

O JN costuma apresentar, no primeiro bloco, reportagens sobre os assuntos ou fatos ocorridos no Brasil que se destacam pelo caráter de impacto, como as tragédias, ou denúncia (microcâmeras), independentemente da editoria a que pertençam, para seduzir o telespectador. Por vezes, deixa um último VT para o final do programa, com as informações mais recentes sobre o fato em destaque. As reportagens da editoria de esportes e/ou as da área social de repercussão positiva sempre encerram o telejornal, ainda fiel ao padrão de aliviar as tensões do telespectador que acaba de ser bombardeado de notícias negativas. (GOMES, 2007, p.9)

Figura 11: Alternância de repórteres em uma mesma matéria



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play

Para Gomes (2005), o JN busca construir a notícia de forma imparcial. “Uma das formas mais visíveis da construção da credibilidade no JN é através

da elaboração, retórica, dos ‘dois lados da notícia’” (Gomes, 2005, p.07). Além disso, esse telejornal valoriza sua cobertura, dando destaque ao trabalho de repórteres espalhados pelo Brasil e pelo mundo. No JN não há emissão explícita de opiniões por parte dos apresentadores, e isso se caracteriza como um fator de construção de imparcialidade. Gomes (2005) ainda ressalta a constante presença de especialistas e da sustentação por números, dados estatísticos e gráficos, o que evidencia um caráter didático do noticiário. O que diferencia o JN dos outros telejornais, para Gomes (2005) é a capacidade de “estar lá”, só possível graças ao poderio econômico e tecnológico da Central Globo de Jornalismo. Essa ideia de onipresença do JN é construída por meio das entradas ao vivo dos repórteres. Isso ainda causa o efeito de credibilidade da notícia. No caso da cobertura do mensalão, todas as edições analisadas tiveram matérias com passagem dos repórteres no STF, o que reafirma a competência do Jornal Nacional de estar presente onde se fizer necessário para que a notícia chegue em tempo hábil e seu potencial de acompanhar o desenrolar das notícias em tempo real.

Nas reportagens que compuseram o mensalão bem como nas demais reportagens veiculadas pelo JN, não há emissão de opinião explícita pelos apresentadores, o que segundo Gomes (2005, p. 7), também faz parte da construção de imparcialidade.

No que se refere a performance dos mediadores sobre a atuação do ministro Joaquim Barbosa, é perceptível que ele recebe grande exposição dentro da grade da programação conforme gráfico demonstrado anteriormente, e além disso, ao analisar a maneira como os mediadores noticiam o desempenho das suas atribuições, é possível perceber como a narrativa do JN foi elaborada colocando em primeiro plano a performance do ministro gerando uma imagem de herói e homem justiceiro para o público.

Na edição do dia 10/10/2012 por exemplo, os mediadores (a repórter Julianna Morrone) explica a eleição do ministro como presidente do Supremo, de forma que para o telespectador, Joaquim Barbosa parece um homem humilde que triunfou na vida por meio de seu esforço.

Off repórter: “Aos 58 anos Joaquim Benedito Barbosa Gomes, será o primeiro negro a assumir a presidência do Supremo Tribunal Federal. Ele é ministro do STF desde 2003, quando foi indicado pelo ex

presidente Lula. Nascido em Paracatu, interior de Minas Gerais, filho de um pedreiro e de uma dona de casa, foi aluno de escola pública, faxineiro e trabalhou no senado. É doutor e mestre em direito público pela Universidade de Paris e fala quatro idiomas. Durante os julgamentos, costuma ficar em pé e trocar de cadeira, para aliviar as dores nas costas e nos quadris causadas por uma inflamação na base da coluna. Como ministro do STF ficou mais conhecido depois de ser sorteado relator do mensalão, e ganhou popularidade. ” Edição de 10/10/2012 ¹⁹

A repórter relata um Joaquim Barbosa bem diferente da imagem glamorosa de ministro do Supremo Tribunal Federal (agora, presidente), transmitindo uma imagem vulnerável e com traços mais humanos do magistrado.

A edição de 20/09/2012 tem uma reportagem intitulada “Ministro relator condena 12 réus por venda de apoio político”. A matéria inicia com o âncora WILLIAN BONNER dizendo: “O relator do processo do mensalão, condenou hoje 12 réus por envolvimento na venda de apoio político ao governo Lula no Congresso. Nesta edição Joaquim Barbosa recebe destaque já que o telejornal mostrou-o explicando e justificando seus votos.

Na edição do dia 18/10/2012 pode-se perceber novamente a maneira como a manchete da reportagem evoca o telespectador de maneira positiva a figura de Joaquim Barbosa, já que demonstra que ele está do lado da lei e se preocupa em condenar o maior número de réus que for possível.

Manchete da reportagem: **Joaquim Barbosa condena 11 réus por formação de quadrilha.**

Fala do Âncora: “O relator do processo do mensalão Joaquim Barbosa, **condenou** hoje 11 réus por formação de quadrilha. Ele detalhou o papel de cada acusado, e reafirmou que o grupo era comandado pelo ex chefe da casa civil José Dirceu”.

A edição de 22/11/2012 tem a manchete: “Joaquim Barbosa fez da origem humilde um destaque para sua carreira” e nessa reportagem o destaque é inteiramente dado a Joaquim Barbosa. Em uma das passagens, a repórter colhe depoimento de uma amiga de Joaquim Barbosa que afirma sobre ele: “Um homem verdadeiro, que gosta da verdade”.

¹⁹ Reportagem da eleição de Joaquim Barbosa como presidente do Supremo exibida em 10/10/2012: <https://globoplay.globo.com/v/2183091/?s=0s>
Acesso em 18/08/2021

Entre as nove reportagens selecionadas para análise, quatro trazem o termo “Joaquim Barbosa **condena**”

Por meio das reportagens selecionadas, títulos e cabeças, além do posicionamento dos mediadores, percebe-se que a figura de Joaquim Barbosa é constituída na narrativa como interventor favorável a lei.

6.3 O pacto sobre o papel do jornalismo

Dentro do pacto sobre o papel do jornalismo, também inclui-se a relação do produto com as fontes de informação, porque revelam que escolhas jornalísticas foram feitas. Estas fontes podem ser a autoridade e/ou especialista, trazida muitas vezes como outro recurso de transferência de credibilidade, ou o cidadão comum, que pode aparecer como afetado pela notícia, sendo a notícia ou autenticando a cobertura.

Na edição do dia 22/11/2012 em que o JN dedica todas as reportagens relacionadas ao mensalão para transmitir a posse de Joaquim Barbosa como presidente do Supremo, aparece uma passagem com um ministro do STF e uma passagem com o Procurador Geral da República, fazendo um discurso sobre o ministro Joaquim Barbosa.

Figura 12: Discursos na posse de Joaquim Bar



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Segundo Gomes (2007, p.8), o principal pacto do JN com sua audiência é em relação aos recortes dos fatos considerados mais importantes do dia, com a valorização das notícias de maior repercussão na vida do brasileiro, tragédias e denúncias. A autora elucida que o pacto de conversação social seria muito presente no JN, já que o telejornal apresenta um resumo das principais notícias do dia incluindo editoriais como política, economia, esportes, notícias internacionais, etc. O JN também assume o papel de organizar e selecionar dentre o grande fluxo de informações do dia, o que deve vir a conhecimento de todos (Gomes, 2007, p. 7).

6.4 Os recursos técnicos a serviço do jornalismo

No que se refere aos recursos técnicos a serviço do jornalismo, a reportagem dedicada a mostrar a vida de Joaquim Barbosa e sua ascensão na carreira jurídica, mostra cenas de Minas Gerais e de Brasília, mais precisamente, a escola que o ministro estudou. Segundo Gomes (2007, p.11) por trás disso pode-se ver o notável poder de extensão territorial- simbólica do programa. O poderio técnico é percebido tanto na qualidade das imagens e apuro nas edições (enquadramentos precisos, cenário e artes impecáveis etc.), quanto em uma certa “onipresença” do telejornal, que estende suas vozes em todo território nacional e até mesmo para outros países ao realizar as coberturas.

As reportagens selecionadas como corpus possuem edição de passagens, sonoras, entrevistas e marcadas por recursos técnicos para edição de imagem e som. Pode ser perceber isso, até mesmo pela edição do dia 01/08/2012 em que a reportagem se inicia com imagens de Brasília em planos abertos e imagens da bandeira do Brasil. Segundo Gomes (2007, p.8):

Figura 13: Imagem do STF



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

No Brasil, a Rede Globo é o principal exemplo de sofisticação e atualização tecnológica a serviço do jornalismo e o Jornal Nacional, como seu principal produto, ocupa posição de destaque em relação à utilização de toda a variedade de recursos e inovações técnicas, a exemplo do uso do videofone na cobertura da guerra do Iraque

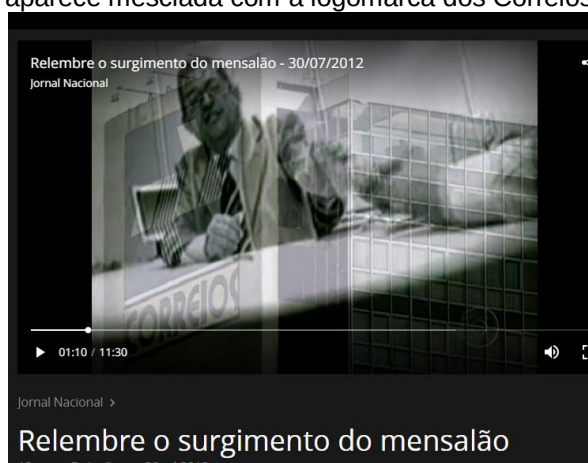
Esse aparato tecnológico permite ao JN trabalhar com agilidade, dinamismo e a capacidade de estar *in loco* no momento que o fato acontece. O telejornal contou com entradas ao vivo de Brasília, gravações externas ao STF, e muitas edições de imagem durante a cobertura do mensalão.

Figura 14: Imagens dos réus saturada pela edição



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Figura 15: Imagem de Maurício Marinho funcionário dos Correios recebendo propina. Na edição, a foto dele aparece mesclada com a logomarca dos Correios ao fundo.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Uma excelente qualidade de imagem e som pode ser percebida em todos os produtos TV Globo. As artes são bem elaboradas e segundo Gomes, 2007, p.9:

A estrutura do JN é impecável: chamada, matéria no clássico formato off – passagem – sonoras e nota pé (muito presente no jornal). Além da reportagem, a nota seca e a nota coberta são recorrentes. O “vivo” também é utilizado, ainda que não seja recorrente em todas as edições.

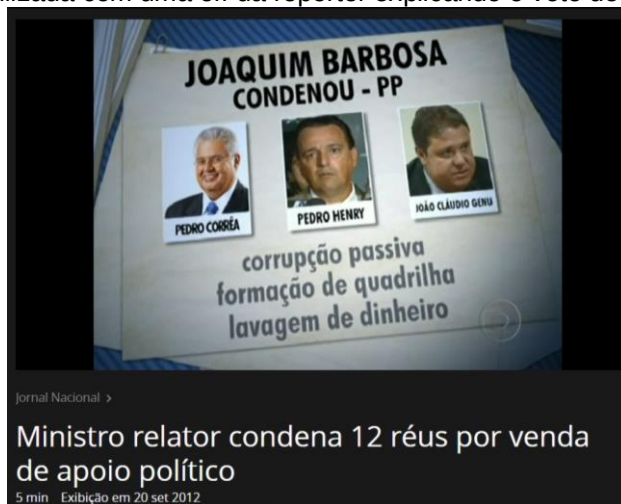
A Rede Globo é conhecida por seu sinal que chega na maior parte do país e pela qualidade técnica de seus produtos, até mesmo em virtude do procedimento “Padrão Globo de Qualidade” que tem o intuito de aprimorar a

parte comercial e produtiva da emissora além de representar avanços em termos técnicos e tecnológicos. Durante a cobertura do mensalão, a partir do material explorado no Globo Play, não houve falhas nas entradas ao vivo, problemas com as imagens transmitidas, interferências nos áudios, e nada que desabonasse os recursos técnicos utilizados pela emissora.

6.5 Recursos da linguagem televisiva

No que se refere aos recursos da linguagem televisiva, o JN possui recursos tecnológicos suficientes para uma edição sofisticada, conforme relatado anteriormente. Pode se perceber em todas as reportagens selecionadas, que o telejornal buscou apresentar imagens e usufruir de recursos tecnológicos para reforçar o poder de fala e esclarecer o máximo possível para o público um acontecimento jurídico para a arena midiática. Nas matérias que compõe o corpus, recursos de edição e montagem de imagens foram utilizados para compor a matéria.

Figura 16: Montagem utilizada com uma off da repórter explicando o voto de Joaquim Barbosa.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Figura 17: Imagem detalhando o lay-out da sala de sessões do STF.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Figura 18: Recurso de imagem utilizado para demonstrar os lugares destinados aos participantes das sessões.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Na figura acima, a repórter detalha em off, o layout que será utilizado no plenário para as sessões, evidenciando por meio da cor, o local destinado a cada um: presidente do STF, Procurador Geral da República, autoridades, imprensa nacional e estrangeira, público, advogados e ministros. Além disso, a imagem do plenário representada por computação gráfica, faz um giro 360° na tela para mostrar em sua totalidade o espaço em que ocorrerá o julgamento.

6.6 Formatos de apresentação da notícia

Com relação aos formatos de apresentação da notícia, é possível verificar que em todas as reportagens que compuseram o mensalão, o telejornal conseguia veicular as informações de forma dinâmica, regular e rápida. Segundo GUTMANNT, 2012, p.43.

A possibilidade de ter acesso às coisas do mundo num intervalo de tempo cada vez mais imediato, a capacidade de experimentar eventos ocorridos em espaços distintos ao mesmo tempo e o modo fragmentado e repetitivo com que acessamos tais eventos consolidam uma cultura do desejo pelo novo, que para tanto é sempre efêmero, e uma cotidianidade ordenada pela ideia de presente.

Isso se comprova nas edições selecionadas e em todas as outras inserções referentes ao mensalão, com entradas ao vivo em Brasília, imagens do interior do STF, jornalistas a postos para entrevistar os ministros ao saírem das votações ou antes das sessões, etc.

Figura 19: Entrevista com Roberto Gurgel

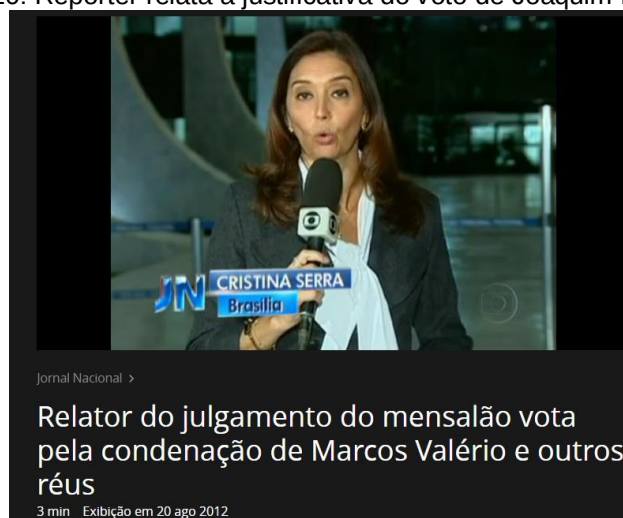


Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

6. 7 Relação com as fontes de informação

O JN usufruiu de fontes de informações como forma de credibilizar o que está afirmando. Assim como na edição do dia 20/08/2012 em que a repórter Cristina Serra menciona que para justificar seus votos, “o relator Joaquim Barbosa se baseou em testemunhas, laudos da controladoria geral da união, e auditoria interna do Banco do Brasil e perícias da Polícia Federal” demonstrando que as fontes são dotadas de credibilidade e os resultados obtidos precisam ser levados em consideração.

Figura 20: Repórter relata a justificativa do voto de Joaquim Barbosa.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Na edição do dia 22/11/2012, em que o JN veiculou uma reportagem sobre a origem humilde de Joaquim Barbosa e seu triunfo na carreira jurídica, a repórter menciona sobre um talento não explorado do ministro, a habilidade com o futebol. Para tanto, colheram o depoimento de Dário Alegria, ex-jogador de futebol, sobre as aptidões do ministro.

Figura 21: Depoimento de Dário Alegria, ex-jogador de futebol



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

O que se pode perceber é que essa edição ofereceu uma narrativa bibliográfica sobre Joaquim Barbosa, com duas reportagens em que o ministro aparece como principal fonte e maior protagonista. Por meio dos depoimentos colhidos e falas dos mediadores presentes nessas matérias, percebe-se ainda, que Joaquim Barbosa foi investido de qualidades como “humilde”, “perseverante”, “estudioso”, “valente”, “verdadeiro”, “corajoso” e “trabalhador”.

6.8 O texto verbal

No quesito sobre texto verbal, pode-se perceber que os apresentadores e repórteres enquanto mediadores, utilizam termos e expressões que sugerem ao telespectador que algumas decisões importantes para que a “justiça fosse feita”, partiram do ministro Joaquim Barbosa.

A seleção das falas dos ministros é um elemento importante dentro da construção da imagem. A escolha de determinadas palavras e ações, juntos do modo em como são distribuídos durante a programação do dia do JN, fincam os tributos negativos e positivos. Como na edição de 08/11/2012 quando a reportagem informa que “Supremo proíbe condenados do mensalão de deixarem o Brasil”, e na inserção a repórter Cristina Serra afirma: “Por determinação do Ministro Joaquim Barbosa, os 25 réus condenados no julgamento do mensalão já estão impedidos de deixar o país sem o conhecimento do Supremo”. De acordo com Gomes (2007, p.9):

O contexto comunicativo construído pelo JN parece estabelecer para os apresentadores uma posição de representantes dos interesses do cidadão, através da preocupação com os problemas que mais afligem a sociedade.

Na edição do dia 10/10/2012 em que dedicam a mostrar a eleição de Joaquim Barbosa como presidente do Supremo, o jornal destaca a história de vida do ministro com um relato deveras inspirador:

Off repórter: “Aos 58 anos Joaquim Benedito Barbosa Gomes, será o primeiro negro a assumir a presidência do Supremo Tribunal Federal. Ele é ministro do STF desde 2003, quando foi indicado pelo ex presidente Lula. Nascido em Paracatu, interior de Minas Gerais, filho de um pedreiro e de uma dona de casa, foi aluno de escola pública, faxineiro e trabalhou no senado.

De acordo com Gomes (2007) a maneira como o JN constrói seu relato noticioso, pode ser entendida como uma forma de gerar cumplicidade com o telespectador, imprimindo nas reportagens um caráter humano, o que é possível observar no off da repórter supracitado.

Isso se mostra de maneira clara no trecho da repórter mencionado acima.

A humanização do relato, recurso próprio da prática jornalística que consiste em contar a história de um personagem que vai exemplificar a situação de muitos outros, é uma das estratégias mais utilizadas pelo Jornal Nacional para se aproximar da sua audiência. (GOMES, 2007, p.13).

A partir da afirmação feita na edição de 13/11/2012, o mediador dá a entender que o ministro tem um senso de justiça que faz com que ele não enxergue motivos para que os réus possam ser tratados de maneira diferente de outros criminosos.

A mediadora Cristina Serra, contribui para essa hipótese ao informar em sua sonora:

“Barbosa explicou como será o cumprimento das penas dos réus condenados ao mensalão. Os réus que cumprirão regime fechado não (destaque para a entonação do “não”) terão direito a prisão especial. Essa **regalia** se aplica apenas em caso de prisão provisória de quem tem diploma de curso superior ou de autoridades.” Apesar da repórter utilizar o termo “regalia” em sua sonora, na tela, a edição colocou a mesma explicação com outro termo: “cela especial”.

Figura 22: Imagem exibida durante a sonora da repórter Cristina Serra.



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Aqui novamente o texto verbal da repórter demonstra que Joaquim Barbosa tem atuado veementemente para que os réus possam ser responsabilizados e cumpram as penas pelos crimes. Para o telespectador, é possível que fique uma sensação de que “tem alguém preocupado para que a justiça seja feita”.

Nas edições selecionadas, pode-se observar como os mediadores construíram uma narrativa preocupada em mostrar o posicionamento contrário de Joaquim Barbosa ao caráter imoral dos acontecimentos e em representar esse ator social da maneira mais humana possível para os telespectadores, relatando suas dificuldades, desafios encontrados, traços de personalidade e senso de justiça. O JN torna viabiliza dessa forma, uma estratégia mediática muito comum: a humanização do magistrado, figura tão distante da maioria dos telespectadores. Evidenciando sua sensibilidade e semelhança com todos nós ao exercer o trabalho de relator, fora de toda a pompa dos rituais judiciais, que podem levar a um apagamento dos indivíduos por trás da sua função.

6.9 Síntese da Análise

Após todo o exposto, a abordagem teórico-metodológica a partir da qual foi analisada a cobertura do Mensalão pelo JN, revelou-se bastante operativa para, a partir do que foi compreendido, fazer uma descrição sistemática do acontecimento e das etapas através das quais ele é social e simbolicamente constituído enquanto um acontecimento com uma identidade particular e que ganhou grande notoriedade da agenda pública. A cada edição, o JN apresentou novas entrevistas, documentos, depoimentos e versões sobre o caso. Durante o período da cobertura, os temas políticos relacionados ao mensalão, predominou a agenda do telejornal. Uma das hipóteses que pode ser considerada é que essa estratégia tinha o objetivo de manter o escândalo vivo no cotidiano da sua audiência.

Ao partir para a aplicação dos operadores, foi possível verificar as ações centradas na cobertura do mensalão, sobretudo, no âmbito da imprensa, organizando o olhar para cada direção específica, que foi capaz de demonstrar como a narrativa do telejornal foi construída de maneira geral.

Além disso, esse processo analítico permitiu visualizar a maneira como o JN expôs de maneira positiva a voz de Joaquim Barbosa, enfatizando os seus posicionamentos a favor das condenações e suas opiniões incisivamente contrárias às possíveis absolvições.

Essa mesma perspectiva evidenciou as oposições de Joaquim Barbosa ao ministro Ricardo Lewandowski, que como revisor do processo, tinha o papel de apontar possíveis contradições.

Coutinho (p. 120, 2005) avalia que a cobertura predominantemente negativa do governo e dos partidos políticos durante a crise, distorceu e omitiu fatos, caracterizando um “escândalo político midiático” que só existe na mídia.

A crise foi marcada pelo signo do desvio. Indivíduos nefandos burlam as regras, que precisam ser respeitadas ou, quando muito, reforçadas de maneira a impedir que os malfeitores tenham sucesso. Com a punição dos maus e as devidas medidas profiláticas para evitar que episódios similares ocorram, volta-se à “normalidade”, isto é, ao adequado funcionamento do sistema. (MIGUEL E COUTINHO, 2007, p.120).

Com base nas premissas apresentadas sobre as edições selecionadas para o estudo, os mediadores se referem a Joaquim Barbosa em um tom positivo,

quando faz questão de enfatizar a dedicação do ministro em condenar os culpados. No dia 20/08/2012 quando a repórter diz em sua passagem

“Para sustentar todas as acusações, o relator se baseou em testemunhas, laudos da Controladoria Geral da União, auditoria interna do Banco do Brasil e perícias da Polícia Federal”.

Nessa fala, é possível perceber o intuito de demonstrar como Joaquim Barbosa estava bem embasado em suas condenações.

“Ele **contestou** o argumento da defesa de que Pizollato não tinha poderes para autorizar os repasses. ”

Nessa fala a repórter salienta a partir da entonação utilizada a palavra “contestou”, possivelmente com o objetivo de reforçar que Joaquim Barbosa era firme em sua postura de condenar quem ele julgava culpado, apesar das tentativas da defesa. Em todas as edições selecionadas, é notável o empenho do JN em demonstrar o trabalho intenso de Joaquim Barbosa em prol das condenações. Seja por meio das extensas matérias destacando os votos do ministro, vt's que valorizam os momentos acalorados na tentativa de converter os votos de absolvição dos demais ministros e pela trajetória pessoal do magistrado ter sido a única a ser explorada pela narrativa. Conforme o estudo de GOMES, 2007, p.9:

É de chamar a atenção que a moral da história ou sua conclusão estão fundados, geralmente, sobre a legalidade/ilegalidade dos acontecimentos, ou na reprodução de vozes de autoridade: ministros, governadores, especialistas, o presidente da república.

Além disso, dentro do contexto daquilo que é apresentado pelo telejornal como verdade, ele trabalha o moralismo como valor de venda da reportagem. O problema da política brasileira foi transformado em uma discussão de valores entre mocinhos e vilões, já que o desvio de dinheiro público ocorrido durante o mensalão, representa uma transgressão às normas realizada por políticos. De acordo com Luhmann, esse rompimento com as regras, com caráter de escândalo, é o que faz com que o público se mobilize com a notícia, por gerar uma sensação de indignação social.

Transgressões às normas são particularmente selecionadas para o noticiário se nelas puderem ser misturados julgamentos morais, quer dizer, se elas puderem dar motivo para que pessoas sejam valorizadas

ou desrespeitadas. Nesse sentido, os meios de comunicação tem importante função na manutenção e na reprodução moral. (LUHMANN, 2005, p.60)

Ao examinar as manchetes descritas no portal Globo Play das edições que compuseram o corpus da pesquisa, vê-se que todas elas fazem chamada para a performance condenatória de Joaquim Barbosa. Essa repetição das notícias sustenta a ideia de Luhmann (2005) em que, com a reiteração de reportagens e a redundância das informações, os meios de comunicação têm o poder de transformar um ocorrido em conhecimento comum.

Ao observar a cobertura, vê-se como as falas de todos os componentes do Jornal Nacional, principalmente, a maneira como o contexto comunicativo foi utilizado na cobertura do mensalão, ajudaram aqueles telespectadores que não conseguiam acompanhar assiduamente o caso. As edições analisadas assim como a maioria das reportagens que compuseram a cobertura, foram de vt's longos e explicativos, bem produzidos, com muitas ilustrações e elaboradas de maneira didática.

O texto verbal utilizado pelos mediadores foi reportado de maneira clara e de forma que o cidadão comum conseguiria compreender o escândalo político que ocorria no país naquele momento. É possível observar que o JN usufrui de vocábulos simples e adequados para o grande público, conforme Gomes (2011, p.11) menciona:

...já se insinuava ali a busca por uma atuação mais descontraída dos jornalistas, tanto pelo recurso a uma linguagem mais coloquial quanto à gravação em cenários externos.

A cobertura do mensalão pelo JN demonstrou uma construção narrativa baseada no enaltecimento dos votos condenatórios, isso possivelmente se deu virtude de uma estratégia de estimular a audiência para continuar acompanhando a cobertura, já que diante dos apelos da população brasileira por justiça, um posicionamento que condenasse os culpados poderia revelar um ato de heroísmo, enquanto um posicionamento de absolvição poderia desapontar uma sensação de impunidade e “traição ao povo brasileiro”.

Tal perspectiva permite descrever e analisar as formas como os mediadores, num determinado contexto social e momento histórico específico, geralmente interpretam um acontecimento, disputam seus sentidos, definem e empreendem determinadas ações e retratam, naquele momento, os problemas que emergem. Neste sentido a metodologia adotada foi crucial como etapa de uma reflexão sobre o processo de constituição de um acontecimento. Conforme GOMES (2004, p. 17) cita:

“O modo de endereçamento não é um momento visual ou falado, mas uma estruturação que se desenvolve ao longo do tempo das relações entre o filme e os seus espectadores. ”

A partir desta metodologia foi possível organizar e analisar aquilo que foi construído durante a cobertura de um dos telejornais mais relevantes do país e radiografar o que aconteceu.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia é, certamente, um ator central na constituição social e nos desdobramentos de um escândalo, conforme já mostrado por Thompson (2002). E não foi diferente com o “Mensalão”, que teve, por parte da imprensa brasileira, uma cobertura até então, pouco vista na história do jornalismo nacional das últimas décadas, e distinta da visibilidade dada a outras denúncias de corrupção política em governos anteriores.

Os estudos dos efeitos dos meios de comunicação têm importância para a sociedade, uma vez que auxilia na compreensão de como estes meios trabalham na formação da opinião pública. É inegável a influência dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas, visto que temos uma infinidade de informações que são disseminadas por estes canais, principalmente em um país como o Brasil, em que muitas famílias ainda utilizam a televisão como principal fonte de informação, conforme demonstrado ao longo da pesquisa.

Além de compreender a construção narrativa do JN na cobertura do mensalão e analisar de maneira mais profunda como a figura de Joaquim Barbosa foi sendo delineada ao longo das edições, um dos questionamentos iniciais ao desenvolver o estudo foi: quais as consequências deste escândalo? Chaia, (2000) contribui para a resposta: “pessoas são envolvidas, reputações são questionadas, carreiras políticas podem ser destruídas”. (2000, p. 3), e ainda afirma que, em determinadas situações, pode ocorrer a quebra de confiança no papel de certas instituições.

O JN faz parte da vida da maioria dos brasileiros, até mesmo pela confortável posição de audiência da emissora que o produz, conforme exposto ao longo da pesquisa. Sobre a relevância do Jornal Nacional, Gomes (2011, p.2) cita,

“Programa mais antigo em exibição na televisão brasileira, o JN é personagem importante na história política, econômica e social do país”.

A pauta das conversas interpessoais é sugerida pelos jornais, televisão, rádio e internet, propiciando aos receptores a hierarquização dos assuntos que

devem ser pensados e falados. A pesquisa propôs analisar a cobertura do mensalão pelo JN a partir do conceito dos modos de endereçamento e a construção da imagem de Joaquim Barbosa pelo telejornal. Dessa forma, o estudo trouxe questões relativas ao campo telejornalísticos no Brasil e ao modo como o Jornal Nacional se situa no campo do jornalismo além de demonstrar a maneira como produto se comunica com a sua audiência.

Inicialmente, contextualizou-se o jornalismo brasileiro e o Jornal Nacional, para melhor compreendê-lo enquanto produto cultural e jornalístico. Analisando a cobertura realizada pelo telejornal no caso Mensalão e especificamente o recorte de edições selecionadas, foi possível perceber pontos importantes por exemplo, como o programa possui particularidades em seu gênero discursivo, o tipo de jornalismo que lhe é característico, e por meio de quais estratégias ele evoca o telespectador.

Uma das preocupações da pesquisa, foi primeiramente compreender a relação que o JN almeja construir com sua audiência para posteriormente, colocar a hipótese central da pesquisa a prova, ao averiguar se houve a construção de uma imagem positiva de Joaquim Barbosa durante a cobertura. Para empreender essa tarefa, o conhecimento dos modos de endereçamento proposta pela metodologia utilizada foi fundamental.

A partir desse processo analítico, foi possível observar após analisar cada uma das reportagens que compuseram a cobertura pelos modos de endereçamento, um olhar diferenciado no que se refere a figura de Joaquim Barbosa. Não seria redundante mencionar, portanto, que o ministro teve uma imagem de justiceiro tecida pelas reportagens da cobertura, e inclusive de herói, estruturada pelas variadas demonstrações de sua trajetória pessoal e particularidades, negro, de uma cidade do interior, que teve uma infância pobre, e que conseguiu alcançar o mais alto posto da justiça brasileira, presidente do Supremo Tribunal Federal.

A narrativa constituída em cima da pessoa de Joaquim Barbosa (que foi demonstrada ao longo das análises), conferiam ao ministro uma imagem de “homem que está do lado da lei”, isso faculta a sua imagem ampla credibilidade aos olhos da audiência, uma vez que as reportagens foram construídas de forma a evidenciar o posicionamento do ministro, enfatizar seus votos e argumentos, e relatar a partir dos comentários e falas dos mediadores como ele era contra o

status quo, e principalmente contra a impunidade. Dessa forma, vê-se um ministro que até então era quase desconhecido, se tornar um dos personagens mais célebres e influentes do país.

Joaquim Barbosa, relator do caso, tornou-se personagem conhecido nas ruas. Máscaras de seu rosto foram lançadas para o carnaval de 2013. Nas semanas finais do julgamento, jornalistas de vários veículos especulavam sobre a hipótese de Joaquim Barbosa concorrer à Presidência da República. (LEITE, 2013, p. 9)

No que se refere ao telejornalismo, ao analisar como o julgamento do Mensalão foi retratado pelo JN, percebe-se que a prática da corrupção foi apresentada como um elemento intrínseco ao meio político, sem levar em consideração que mais do que isso, trata-se fenômeno da sociedade. Nesse contexto, a política pode ser entendida a partir da construção narrativa, como campo naturalmente propenso a condutas corruptoras e uma das principais questões da arena política. Essa perspectiva gera um efeito social, no qual os telespectadores têm a sua desconfiança nas instituições reforçada.

De acordo com Miguel e Coutinho, em uma análise realizada no período do escândalo, a ênfase da cobertura negativa ser em agentes políticos e não nas instituições teria apresentado um caráter diferente ao sistema político e suas principais instituições, falhando ao não reconhecer que parte dos problemas apontados também são fruto de um sistema político com necessidade de reformas (Miguel e Coutinho, 2007).

Com relação ao papel do JN atualmente (levando em consideração o ano da pesquisa - 2021), é impossível ignorar que trata-se um produto de capital privado, e que por mais que exista um discurso sobre a imparcialidade, os interesses econômicos são a real prioridade, de forma que o telejornal não irá levar a conhecimento do público a notícia que contrarie sua linha editorial e as ideologias de seus idealizadores.

Por outro lado, ano após ano, o telejornal se renova, modifica sua estrutura em uma possível busca por audiência, buscando em cada edição lançar mão de estratégias atrativas ao telespectador, e consequentemente, elevar o número de anunciantes. Prova disso é a inovação tecnológica cada vez mais presente no noticiário, que utiliza artes gráficas, cenários em movimento,

proximidade cada vez maior da câmera com os mediadores, linguagem cada vez mais acessível.

Figura 24: Cenário da previsão do tempo em 2012 versus cenário de 2021



Fonte: Página do Jornal Nacional no Globo Play.

Conforme CAMPOS afirma (2011, p. 05)

“Os telejornais estão cada vez mais longe dos manuais e imprimem nos fatos o resultado de negociações com vários grupos de interesses.”

No que diz respeito ao telejornalismo feito pelo JN hoje (2021), pode-se perceber como o produto mudou ao longo dos anos, até mesmo em virtude da necessidade de adaptação a uma modernidade tecnológica e ademais, no que concerne ao consumo de bens e serviços. A partir desse contexto, a Globo se apodera de uma narrativa jornalística cada vez mais próxima do público, inclusive introduzindo novas redes como o próprio Globo Play, e investindo em um tipo de narrativa jornalística

cujo apelo é um discurso de valorização da cidadania, por meio das denúncias sobre mazelas da infraestrutura urbana, questões relativas à violência e a corrupção, mas que também abre espaço para maior exposição dos jornalistas. (TEMER, 2020, p. 45)

Conforme explicitado ao longo do trabalho, vários fatores contribuíram para singularizar a cobertura do mensalão realizada pelo JN. Com relação ao contexto em que o JN se dirige ao seu público, identifica-se, um comportamento “incendiário” do telejornal durante a crise comprovado a partir do destaque dado ao tema como um todo, número de matérias dedicadas ao mensalão, etc.

A partir da análise realizada pelo estudo, foi possível observar outro lado da história, ao descortinar a maneira como a crise foi constituída enquanto um “desvio” a ser corrigido, a partir da punição ou exclusão de determinados atores baseada em seus comportamentos, e omitindo as fragilidades do próprio regime político.

Por último, vale ressaltar que a crise do Mensalão, teve por parte da imprensa nacional, uma cobertura pouco vista na história do jornalismo nacional nas últimas décadas, distinta da visibilidade dada a outras denúncias de corrupção política em períodos anteriores. Outrossim, a partir da cobertura do mensalão, os escândalos políticos ganharam maior visibilidade dentro da agenda midiática, como a Lava Jato.²⁰

Foi possível enxergar uma personalização do grande problema que envolveu a crise, uma vez que as formas de tratativas mostradas pelo JN ao longo das reportagens, ficaram mais centradas na identificação e responsabilização dos indivíduos envolvidos e nos possíveis efeitos do próprio acontecimento para eles (perda de cargos ou mandatos, prejuízos à imagem e ao poder simbólico, apreensão de passaportes, redução das chances eleitorais etc.) do que nas causas do problema da corrupção na política e de suas consequências para a coletividade, para a legitimidade do sistema político etc.

Destaca-se, neste sentido, a centralidade dada à atuação e papel do STF (em especial Joaquim Barbosa) em detrimento de outras possibilidades de discussão e tratamento dos problemas expostos, como o caso da Reforma Política, sempre mencionada no transcurso desse acontecimento (e de similares), mas cujo debate e implementação não foram explorados pelo telejornal. E conforme Filgueira (2009, p.394) afirma:

“A corrupção não está relacionada ao caráter do brasileiro, mas a uma construção social que permite que ela seja tolerada como prática”.

Os resultados apresentados contribuem para o campo de estudos futuros com a compreensão das consequências da forma como os significados

20 Lava Jato: escândalo deflagrado em 2014 que envolvia esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobrás, grandes empreiteiras do Brasil e políticos.
Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>
Acesso em: 08/10/2021

dos escândalos de corrupção são produzidos pela mídia. Apesar da análise do corpus da pesquisa não permitir generalizações do comportamento de outros veículos de imprensa, o alcance nacional do telejornal analisado permite vislumbrar os mecanismos discursivos associados ao escândalo de corrupção analisado, fato que se comprova com a popularidade que Joaquim Barbosa ganhou nacionalmente após o evento, por exemplo. Espera-se que este trabalho possa ter contribuído para esse infinito campo de questionamentos que é a cobertura de um escândalo político.

REFERÊNCIAS

ABREU, Gustavo. **A notícia na tevê e na web: um estudo sobre as remediações.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Geras. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social: Interações midiáticas. 2009.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de (2013). **Mídia e Espaço Público: a cobertura jornalística do julgamento do mensalão em Veja e Época.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Universidade de Coimbra.

ARBEX JR. **O Jornalismo Canalha.** Casa Amarela, Brasil, 2003

ARRUDA, Da Silva Alexandre. **O julgamento do caso mensalão e a influência da mídia: um ponto fora da curva.** 134f. Dissertação (Mestrado Pós-graduação Justiça Administrativa) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BATISTA, Rosas Ana Paula. **Atrás da bancada: trajetória dos apresentadores e modos de endereçamento no Jornal Nacional.** Dissertação (Graduação Comunicação Social). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação: da informação ao receptor.** São Paulo, Moderna, 1995.

BECKER, Valdecir; GAMBARO, Daniel; SOUZA FILHO, G.L. **O impacto das mídias digitais na televisão brasileira: queda da audiência e aumento do faturamento.** Palavra Chave, São Caetano do Sul, Vol.18, número 2, junho- 2015.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer.** Rio de Janeiro: Editora Globo. 2009.

CAMPOS, Fernanda Medeiros. **Telejornalismo e Pós- Modernidade: Uma análise de caso do Jornal Nacional e Jornal da Record.** Universidade Federal do Pará, 2011.

CARVALHO, A. C. D. **Imprensa e opinião pública no Brasil: uma retrospectiva histórica.** In: LIMA, V. A. D.; GUIMARÃES, J.; AMORIM, A. P. Em defesa de uma opinião pública democrática: conceitos, entraves e desafios. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.p. 89-132.

CHAIA, Vera. **Escândalos Políticos: parte do jogo?** CHAIA, V. E CHAIA, M. (org.). Mídia e Política, EDUC/ Neamp, São Paulo, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** Tradução Angela S.M. Corrêa. 2.ed. 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.

COHEN, Bernard. C: **The Press and Foreign Policy. California.** Princeton University Press, 1963.

CUNHA, D. A. C. **Um olhar sobre vozes e poder no telejornal:** o funcionamento do discurso reportado no Jornal Nacional da Rede Globo. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017.

DUTRA, Gustavo Abreu. **O Jornal nacional na tevê e na web:** um estudo sobre a remediação das narrativas jornalísticas. 131f. Dissertação. (Mestrado, Comunicação). Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: gustavo.abreu.dutra.jn.pdf . Acesso em: 19 abr 2021.

ENTMAN, R. M. **Cascading activation:** contesting the White House's frame after 9/11. Political Communication, v. 20, n 4, p. 415-432, 2003. Disponível em: <http://queensu.ca/politics/pols313/entman.pdf>. Acesso em: 14 abril 2021

FERNANDES, Kamila Bossato. **A narrativa do Mensalão no Jornal Nacional.** Universidade Federal do Ceará. Curitiba – Paraná. 2013. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2013_GT06-KamilaBossatoFernandes.pdf Acesso em 06/07/2021.

GALINDO, Ericka de Sá. **O jornalismo e o judiciário.** Um olhar sobre a cobertura do julgamento da denúncia do “mensalão” no Supremo Tribunal Federal. 153f. Dissertação. (Mestrado, Comunicação Social). Pernambuco, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3050>. Acesso em: 14 abr 2021.

GAMA, Ruhani; DADALTO, Maria. **A notícia como construção social no universo jornalístico.** Vila Velha, 2009, 12f. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/velha-dadalto-gama-noticia-como-construcao-social.pdf> . Acesso em: 19 mai 2021.

GENETTE, Gerard. **A narrativa e o seu discurso.** Veja Universidade, Lisboa, 1972.

GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro:** o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, 2004.

GOMES, Itania Maria Mota. **Questões de Método na análise do Telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise.** Salvador, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Bahia. 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. **Telejornalismo de Qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise.** Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006. 15f. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_517.pdf . Acesso em 05/08/2021.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão:** desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

KLOCKNER, Luciano. **O repórter Esso**. A síntese radiofônica mundial que fez história. Porto Alegre. EDIPUC, 2008.

LAGE, N. **Controle da opinião pública**: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis: Vozes, 1998.

LANG, K.; LANG, G. **Los mass media y las elecciones**, 1966 In: MORAGAS, M. de (ed). **Sociología de la Comunicación de Masas: propaganda política y opinión pública**. Barcelona: Gustavo Gili, 1985. 3v.

LEITE, Paulo Moreira. **A outra história do mensalão**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2013.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 200 p.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. 1ªEd. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2004.

MENDES, Ribeiro Henrique. **Mensalão no Jornal Nacional**: um diálogo entre telejornalismo e reality show. 78f. Dissertação apresentada para obtenção do título de bacharel em Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

MENDONÇA, Eduardo; BARROSO, Luís Roberto; **“STF entre seus papéis contramajoritário e representativo”** Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-03/retrospectiva-2012-stf-entre-papeis-contramajoritario-representativo>. Acesso em: 19 abr 2021.

MIGUEL, Luis Felipe; COUTINHO, Aline. **“A Crise e suas Fronteiras: Oito Meses de ‘mensalão’ nos editoriais dos jornais”**. Opinião Pública, vol 13, Nº 1, junho, 2007.

MOREIRA, Fátima Sampaio. **Boa noite**. São Paulo: Prumo, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga_____. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia - Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Piovesana M. **A formação do paladar televisivo do Brasil**: A importância da Rede Globo na construção do telespectador analisada através do formato do Fantástico. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de

Comunicação Social da Universidade do Paraná. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

NUNOMURA, Yoshio Eduardo. **O Mensalão impresso: o escândalo político – midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja**. 210f. Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Paqueta de. **A Comunicação Social e os Tribunais**. Sub Judice, 15-16. Viseu: DocJuris, pp. 23-28. 1999.

OLIVEIRA, Silva Vilela A. **Jornal Nacional: Enquadramentos do impeachment de Dilma Rousseff**. Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2018.

PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPURS, 2001.
Petrópolis, Vozes, 2002.

SARTORI, Débora. **O julgamento do mensalão no Jornal Nacional: os recursos dramáticos utilizados na construção da narrativa**. 165f. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em comunicação para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SENNE, Novaes José Fábio. **Enquadrando a política sob a ótica do escândalo**. 138f. Dissertação apresentada ao PPG/FAC para obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, Karla Caroline Nery. **No ar: Jornal Nacional. Das audiovisualidades às atualizações no audiovisual brasileiro**. 222f. Dissertação Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010. Disponível em:
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3506>. Acesso em 31/08/2021.

TEMER, Pessoa Rocha Ana Carolina. **Não basta informar, tem que participar: a inserção dos jornalistas nos novos formatos diversionais do jornalismo**. Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2018.
THOMPSON, J. B. **O Escândalo Político: poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis, Vozes, 2002.